



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA –
CAMPUS BARREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
LUIZ PIRES DA COSTA NETO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MÍDIA JORNALÍSTICA SOBRE A INTEGRAÇÃO DA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL À EDUCAÇÃO

Barreiras – BA

2026

LUIZ PIRES DA COSTA NETO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MÍDIA JORNALÍSTICA SOBRE A INTEGRAÇÃO DA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL À EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus
de Barreiras, como requisito parcial para a conclusão
do Curso de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Professor Doutor Flávio de Ligório Silva

Barreiras – BA

2026

Luiz Pires Da Costa Neto

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MÍDIA JORNALÍSTICA SOBRE A
INTEGRAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL À EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus
de Barreiras, como requisito parcial para a conclusão
do Curso de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Professor Doutor Flávio de Ligório Silva

Aprovado em 26 de março de 2026

Flavio de Ligório Silva, Dr. (IFBA)
(Presidente/ Orientador)

Darto Vicente Da Silva, Dr. (UNEB)

Neiva Dos Santos Pereira, Ma. (IFBA)

Maria Conceição Dos Santos, Ma. (IFBA)

Barreiras – BA

2026

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Composição do <i>Corpus</i> da pesquisa.....	22
Quadro 2: Caracterização das editoras do <i>Corpus</i>.	25
Quadro 3: Análise de sentimento A.....	29
Quadro 4: Análise de sentimento B.....	34
Quadro 5: Análise conforme Sá (1998).	42
Quadro 6: Análise do processo de objetivação.....	46
Quadro 7: Análise do processo de ancoragem.	50
Quadro 8: Análise do estatuto epistemológico.	54
Quadro 9: Análise da dissonância cognitiva.....	58
Quadro 10: Análise conclusiva das RS da IA na educação.	63
Quadro 11: Paradigma das Representações Sociais da IA na Educação.....	73

RESUMO

O cenário contemporâneo é marcado por uma metamorfose técnica que desafia as fronteiras entre o humano e o artificial, posicionando a Inteligência Artificial (IA) generativa como um agente de ruptura que reconfigura a produção de conhecimento e as subjetividades. Diante da expansão dessa tecnologia para o setor educacional, esta pesquisa investiga as representações sociais (RS) construídas pela mídia jornalística sobre a integração da IA à educação. Fundamentada na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e Denise Jodelet, a investigação busca desvelar como o discurso midiático transforma um objeto técnico complexo em um saber do senso comum. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho documental, com um corpus composto por 20 textos jornalísticos analisados mediante o suporte da ferramenta Gemini AI para análise de sentimento e identificação de processos psicossociais. Os resultados demonstram a consolidação de uma representação social pautada em um "pragmatismo otimista", que ancora a IA na ideia de progresso civilizatório inevitável e a objetiva na figura do "tutor híbrido" ou "assistente de bolso". Conclui-se que o discurso midiático opera reduzindo a ansiedade docente ao reafirmar a insubstituibilidade do professor, ao mesmo tempo que cria uma urgência econômica e legítima a incorporação tecnológica como um processo irreversível, muitas vezes silenciando dimensões éticas e os riscos de esvaziamento da autonomia intelectual no magistério.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Educação. Teoria das Representações Sociais. Mídia Jornalística. Prática Docente.

ABSTRACT

The contemporary landscape is marked by a technical metamorphosis that challenges the boundaries between the human and the artificial, positioning generative Artificial Intelligence (AI) as a disruptive agent that reconfigures both the production of knowledge and subjectivities. In light of this technology's expansion into the educational sector, this research investigates the social representations (SR) constructed by the journalistic media regarding the integration of AI into education. Grounded in the Social Representations Theory of Serge Moscovici and Denise Jodelet, this investigation seeks to unveil how media discourse transforms a complex technical object into common-sense knowledge. Methodologically, this is a qualitative documentary study, with a corpus consisting of 20 journalistic texts analyzed with the support of the Gemini AI tool for sentiment analysis and the identification of psychosocial processes. The results demonstrate the consolidation of a social representation based on an "optimistic pragmatism," which anchors AI in the idea of inevitable civilizational progress and objectifies it through the figure of the "hybrid tutor" or "pocket assistant." It is concluded that media discourse operates by reducing teacher anxiety reaffirming the irreplaceable nature of the educator—while simultaneously creating economic urgency and legitimizing technological incorporation as an irreversible process, often silencing ethical dimensions and the risks of eroding intellectual autonomy within the teaching profession.

Keywords: Artificial Intelligence. Education. Social Representations Theory. Journalistic Media. Teaching Practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 A Teoria das Representações Sociais: Fundamentos e Processos	6
2.2 As Representações Sociais e a Mídia Jornalística	9
2.3 Inteligência Artificial: Essência e Embasamento Científico	11
2.4 Inteligência Artificial e Educação: Perspectivas e Desafios	15
3 METODOLOGIA	20
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	22
4.1 Caracterização das editoras do <i>Corpus</i>	24
4.2 Análise de sentimento	28
4.2.1 Discussão com base nos autores do referencial teórico.....	38
4.3 Análise clássica das representações sociais mediada por IA	41
4.3.1 Discussão com base nos autores do referencial teórico.....	67
4.4 Dimensões das representações sociais da IA na educação.	71
5 CONCLUSÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	3

1 INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo está atravessado por uma metamorfose técnica que desafia as fronteiras tradicionais entre o humano e o artificial. No epicentro dessa transformação, a Inteligência Artificial (IA) generativa emerge não apenas como uma ferramenta computacional, mas como um agente de ruptura de sentido que reconfigura as formas de produção de conhecimento e as subjetividades. Sendo assim:

A generalização da inteligência artificial generativa a todos os sectores da vida social e económica originou grandes desafios e apreensões, mas a educação é talvez o sector mais sensível. Como preparar as novas gerações para um mundo transformado pela inteligência artificial, um mundo que ninguém sabe como será? (Figueiredo, 2024, p. 64).

A escola, instituição historicamente responsável pela transmissão e sistematização do saber, enfrenta agora o que se denomina de cultura paralela, referindo-se à vasta influência dos meios de comunicação de massa na educação (Libâneo, 2011, p. 10). Se outrora a televisão e esses meios já exerciam um domínio cada vez mais forte sobre as crianças e os jovens, competindo por sua atenção e interferindo no desenvolvimento de habilidades e atitudes (Libâneo, 2011, p. 18), a Inteligência Artificial (IA) introduz variáveis qualitativamente distintas. A tecnologia da IA se destaca pela capacidade de analisar dados algorítmicos para promover uma personalização do ensino ajustada às necessidades de cada aluno (Carvalho *et al.*, 2024, p. 3), além de ser capaz de simular competências sociocognitivas complexas (Figueiredo, 2024, p. 13).

Historicamente, a adoção de tecnologias como as calculadoras já havia inaugurado o que se convencionou chamar de cognição delegada, poupando o esforço intelectual, mas gerando o problema de que seu uso contínuo pudesse levar ao declínio das capacidades cognitivas mentais elementares (Figueiredo, 2024, p. 12). Tal qual ocorreu com o uso das calculadoras, emergem hoje fortes questionamentos sobre a interferência das IAs no pensamento dos indivíduos, havendo o temor de que o uso passivo e excessivo da tecnologia possa atrofiar a capacidade de raciocínio crítico das pessoas (Figueiredo, 2024, p. 12).

O questionamento *Adeus professor, adeus professora?* proposto por Libâneo (1998) em fins do século passado, transmuta-se de uma provocação sociológica em uma possibilidade técnica palpável, na medida em que sistemas inteligentes passam a desempenhar funções de curadoria, avaliação e interação que antes eram exclusivas do docente. Representa a IA de fato um adeus aos professores? Sob essa ótica, a docência é colocada à prova em sua essência como

profissão de interações humanas (Tardif e Lessard, 2014), pautada na alteridade e no reconhecimento mútuo, elementos que correm o risco de serem substituídos por uma lógica de aprendizagem tecnológica e autossuficiente em uma interação aprendiz-máquina que substitui a relação professor-aluno.

A problematização que sustenta esta investigação reside, portanto, na lacuna de compreender, de um lado, a realidade técnica da IA, de a forma como a sociedade a significa. A compreensão social de um fenômeno tão disruptivo não ocorre no vazio. Para que um objeto estranho seja integrado ao cotidiano, ele precisa ser compreendido por meio de processos psicossociais. É neste ponto que a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2007) oferece a base epistemológica necessária para a pesquisa aqui desenvolvida.

“Qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca em suas funções e eficácia sociais.” (Jodelet, 2001, p. 28). Assim, podemos dizer que a Inteligência Artificial é um fantasma sem rosto que vai sendo gradualmente ancorado nas instâncias sociais, dentre as quais o jornalismo. A mídia funciona como uma lente que condensa o vapor das ideias abstratas, materializando o novo em imagens mentais e categorias palpáveis, permitindo que o público finalmente consiga enxergar e tocar o invisível.

Para além do rigor acadêmico, esta pesquisa é impulsionada por uma profunda inquietação pessoal e por uma sede de conhecimento que busca compreender as fronteiras da inovação. A curiosidade e o entusiasmo pelo universo das inteligências artificiais, longe de serem meramente contemplativos, nascem da crença nas possibilidades de aprimorar os métodos de ensino e tornar a aprendizagem um processo mais adaptativo e significativo. Entretanto, com base na minha vivência e contato com o ambiente educacional, receio que o caminho traçado pela sociedade não objetive o mesmo cenário tal qual idealizado aqui anteriormente.

Vivemos o que Trivinho (2005) descreve como *dromocracia cibercultural*, um regime de velocidade tecnológica onde a rapidez da informação precede a profundidade da reflexão ética. Nessa urgência, o jornalismo muitas vezes simplifica a complexidade da IA na educação, oscilando entre o entusiasmo utópico e o alarmismo distópico. Longe de serem neutras, essas narrativas operam como formas simbólicas que constituem uma verdadeira prática ideológica, trabalhando no sentido de produzir, reproduzir e transformar subjetividades (Moscovici, 2007, p. 45). O discurso midiático atua estrategicamente para que determinados interesses e valores se transformem em representações sociais e se consolidem como parte da cultura (Moscovici,

2007, p. 44), moldando o imaginário coletivo e influenciando diretamente as políticas pedagógicas. Diante desse cenário de mediações e tensões, este trabalho busca responder à seguinte questão central: Quais são as representações sociais da mídia jornalística sobre a integração da inteligência artificial à educação?

Para desvelar tal fenômeno, propõe-se um mergulho analítico na produção jornalística, visando compreender como esses veículos constroem socialmente sentidos sobre a tecnologia no ambiente educativo. O percurso pretendido inicia-se pelo mapeamento do *corpus* jornalístico, identificando as temáticas recorrentes e os principais nós semânticos associados à IA. A partir dessa cartografia, busca-se caracterizar os processos de ancoragem e objetivação que transformam a complexidade técnica em imagens familiares ao público leigo, permitindo, por fim, um confronto crítico entre essas representações midiáticas e teoria educacional, discutindo as implicações dessas narrativas para a educação.

Nesse horizonte investigativo, trabalha-se com a premissa de que a mídia jornalística constrói uma representação espetacularizada da IA ancorando-a na ideia de progresso civilizatório inevitável. Outra hipótese é a de uma objetivação da tecnologia na figura de um tutor infalível, narrativa que tende a apagar as dimensões éticas e sociais do processo educativo. Projeta-se, ainda, que o discurso midiático sentencie o futuro docente à condição de mero facilitador, camuflando o esvaziamento brutal da dimensão intelectual e a proletarização do magistério. Ao reduzir o mestre a um dócil facilitador de plataformas, desloca-se o foco do investimento humano para o consumo voraz de infraestrutura tecnológica, tornando o ato pedagógico uma tarefa puramente logística e desprovida de autonomia crítica.

A fim de fundamentar as análises propostas e conferir o rigor epistemológico necessário à compreensão deste objeto, o capítulo seguinte dedica-se ao delineamento do referencial teórico. Nele, serão aprofundados os pilares da Teoria das Representações Sociais e as discussões sobre o trabalho docente frente às novas exigências da sociedade comunicacional, pavimentando o caminho para a interpretação dos dados colhidos. Seguindo adiante, perpassaremos pelo detalhamento da metodologia adotada para investigar e conduzir a seção expositiva e analítica da pesquisa. Chegando por fim às reflexões e perspectivas acerca do tema e dos resultados obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho busca articular a psicologia social, os estudos de mídia e a ciência da computação para compreender como a inteligência artificial (IA) é representada no cenário educacional. Para tanto, o texto percorre a gênese das representações sociais, o papel do jornalismo na difusão de conhecimentos, a natureza técnica da IA e as implicações pedagógicas dessa integração tecnológica, culminando na sustentação metodológica da análise de conteúdo.

2.1 A Teoria das Representações Sociais: Fundamentos e Processos

No fechamento desta pesquisa, reafirmo que a Teoria das Representações Sociais encontra a sua base principal na obra de Moscovici (2007, p. 21), que as define como um sistema de valores, de ideias e de práticas cuja função é estabelecer uma ordem que possibilita aos indivíduos se orientarem em seu mundo material e social e o controlarem. Complementando essa visão, Jodelet destaca que a representação constitui um conhecimento prático empregado para agir no mundo e nos outros (Jodelet *apud* Moscovici, 2007, p. 21). Moscovici (2007, p. 48) propõe que essas representações atuam para reconstituir o senso comum, permitindo aos indivíduos dar sentido a objetos novos ou estranhos, uma vez que a finalidade primária de toda representação é tornar familiar algo não-familiar (Moscovici, 2007, p. 54). Diferente das representações coletivas estáticas proposta por Durkheim (1996), as representações sociais são dinâmicas e emergem em sociedades onde a ciência e a tecnologia geram constantes fluxos de informação. Esse processo é essencial para que o sujeito não se sinta ameaçado pelo desconhecido, transformando-o em algo familiar e manejável no cotidiano.

Jodelet (1993, p. 8) expande essa perspectiva ao caracterizar a representação social como uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto de conhecimento. Para a autora, representar não é apenas reproduzir mentalmente uma imagem, mas envolve um caráter criativo e autônomo que concorre para construir socialmente a realidade (Jodelet, 1993, p. 4). Esse processo se evidencia no que Moscovici denomina de intersecção entre o universo reificado, habitado pela ciência e suas linguagens especializadas, e o universo consensual. Este último funciona como um espaço de trocas interativas onde a sociedade debate e transforma o conhecimento científico em saberes do senso comum (Jodelet, 1993, p. 9). A representação social atua, portanto, como uma ponte que traduz a complexidade da inteligência artificial para a linguagem cotidiana, permitindo que pais, professores e alunos falem sobre algoritmos e máquinas como se fossem entidades conhecidas.

A assimilação da Inteligência Artificial (IA) no cenário educacional não pode ser compreendida como um mero reflexo passivo da tecnologia sobre a sociedade. Para que essa inovação seja interpretada, debatida e integrada ao cotidiano educacional, faz-se necessário o trabalho ativo da representação social. É fundamental, primeiramente, compreender a essência desse fenômeno, partindo da definição de Denise Jodelet:

“É uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1993, p. 4). Ao qualificar esse saber como prático, a autora evidencia que a representação serve fundamentalmente para agir sobre o mundo e sobre o outro (Jodelet, 1993, p. 8). Para aprofundar o estudo de como a Inteligência Artificial se instaura nesse imaginário, é preciso explorar as três dimensões constitutivas do espaço de estudo das representações sociais delimitadas por Jodelet, as quais são orientadas por perguntas base essenciais para a investigação científica (Jodelet, 1993, p. 9).

A primeira dimensão abrange as condições de produção e circulação, guiada pela indagação fundamental a respeito de: “Quem sabe?” e “De onde sabe?” Aqui, investigam-se as raízes culturais, a comunicação e o contexto ideológico em que os sujeitos estão imersos. A segunda dimensão foca nos processos e estados representacionais, respondendo às perguntas sobre: “O que sabe?” e “Como sabe?” É nesta esfera que se analisam as estruturas e a modelização do conhecimento. A terceira dimensão, por sua vez, diz respeito à validade do conhecimento das representações sociais, sendo estruturada pelas perguntas sobre o que se sabe e com qual efeito. Para responder a essa questão, analiso as relações entre a representação, a ciência e a realidade, com base nos conceitos de Jodelet (1993, p. 9 e 10).

Ao focar nessa terceira dimensão, correspondente ao estatuto epistemológico, torna-se imprescindível discutir o valor de verdade e o valor de realidade que permeiam o discurso sobre a IA nas escolas. O saber do senso comum não busca uma verdade científica irrefutável e exata sobre os algoritmos e sua funcionalidade computacional, mas sim uma verdade funcional e focada na compreensão por parte da sociedade, adaptada para a ação e para a gestão da relação com o estranho, ou no nosso caso, com o novo mundo tecnológico (Jodelet, 1993, p. 15). Essa finalidade prática gera uma inevitável defasagem entre o objeto técnico real da IA, sua verdadeira natureza altamente complexa por trás da mera interação com alguns pixels e a representação que dele se faz diante das matérias jornalísticas.

Essa defasagem produz o que Jodelet descreve como distorções, suplementações e desfalques no conteúdo representativo. Tais distorções não são falhas cognitivas, mas mecanismos de defesa e ajustamento. Segundo Jodelet, apoiada nos estudos de Festinger, essas

transformações na avaliação das qualidades de um objeto são produzidas ativamente pelo sujeito para reduzir a dissonância cognitiva que, supondo, há entre o que é a IA e como ela é representada (Jodelet, 1993, p. 15). A introdução da IA na educação gera um profundo choque entre a tradição pedagógica e a inovação disruptiva. Para aliviar a dissonância cognitiva e a ansiedade que essa ameaça tecnológica pode provoca na identidade dos professores e na estrutura educacional, a sociedade distorce e adapta as características da IA, atenuando seus riscos ou supervalorizando seus benefícios, para que ela caiba e atenda as expectativas da realidade moral e cognitiva do grupo.

É exatamente para efetivar essa adaptação e responder à dimensão processual da TRS que a dinâmica de formação dessas representações se sustenta em dois processos cognitivos e sociais indissociáveis. Estes mecanismos, evidenciados por Moscovici e aprofundados por Jodelet, são a ancoragem e a objetivação (Peixoto, Fonseca, Oliveira, 2013, p. 50; Fonseca e Oliveira, 2013, p. 158).

A ancoragem atua como o mecanismo primário que fixa o objeto estranho em uma rede de significados pré-existentes. Jodelet (1993, p. 17) explica que a ancoragem enraíza a representação e seu objeto para lhes dar sentido e coerência em relação aos valores sociais, inserindo o objeto novo no sistema de acolhimento nocional, ou seja, no já pensado e convencionalizado socialmente. Ao classificar a inteligência artificial como um cérebro eletrônico ou uma mera ferramenta de apoio, a sociedade e a escola utilizam categorias antigas para rotular o elemento recém-chegado. Por um trabalho ativo da memória social, o pensamento se apoia no que já é conhecido para integrar o desconhecido, instrumentalizando o saber e conferindo à IA um valor funcional para a manutenção do ambiente educacional (Jodelet, 1993, p. 17).

Trabalhando em continuidade com a ancoragem, a objetivação é o processo de materialização que transpõe a novidade do plano abstrato para o plano do concreto. A objetivação decompõe-se nas fases de construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização (Jodelet, 1993, p. 17). Através desse processo, o conceito abstrato, oculto e matemático da IA ganha uma forma figurativa e quase material ou palpável. No imaginário social, a inteligência artificial deixa de ser um complexo código algorítmico para se tornar a imagem de um robô operado por um cérebro humano, de um professor virtual flutuante dentro das telas digitais ou de uma interface amigável com vasto conhecimento. A naturalização confere a essas imagens o valor de realidades concretas diretamente legíveis e utilizáveis na ação sobre o mundo (Jodelet, 1993, p. 17 e 18).

Em suma, a articulação profunda entre o estatuto epistemológico, a redução da dissonância cognitiva e os processos complementares de ancoragem e objetivação explica como

a sociedade transpõe a inovação. É por meio dessa complexa engrenagem teórica que a IA se solidifica no cotidiano social, facilitando a comunicação e consolidando atitudes práticas, sejam elas favoráveis ou contrárias à sua implementação definitiva nas escolas.

2.2 As Representações Sociais e a Mídia Jornalística

O papel estruturante da mídia na formação das representações sociais constitui uma premissa teórica fundamental nas Ciências Sociais. Ao analisarmos os pressupostos de Moscovici, compreendemos que a comunicação de massa opera como o ambiente exato onde o conhecimento científico complexo, pertencente ao universo reificado, é traduzido e transformado em saber do senso comum no universo consensual (Alexandre, 2001, p. 111; Moscovici, 2007, p. 49). A partir dessa base teórica, fica evidente que a mídia jornalística detém um imenso poder de propagação e uma credibilidade socialmente legitimada. Ela não se limita a relatar fatos de forma passiva, mas reconstrói ativamente a realidade, pautando o que deve ser discutido e instituindo o que é verdadeiro ou falso para a população (Roso e Guareschi, 2007, p. 41).

É fundamental, contudo, avançar de forma crítica e questionar essa credibilidade validada pela sociedade. Embora a prática do jornalismo exija padrões rigorosos de investigação e de imparcialidade, a afirmação de objetividade e de neutralidade se apresenta frequentemente como uma estratégia ilusória (Guareschi, 2006, p. 32). O embasamento nessas leituras me obriga a reconhecer que o jornalista não atua como um transmissor neutro, mas se constitui como um sujeito histórico marcado por valores. Toda matéria jornalística é, em sua essência, uma exposição das crenças e das ideologias de quem a escreve e do veículo que a pública. Com base na advertência de Guareschi (2000, p. 45), constato que perder a dimensão da falta de neutralidade desses processos significa empobrecer a análise, pois a ideologia atua como uma prática baseada em formas simbólicas que produzem, que reproduzem e que transformam identidades. Por meio de escolhas de linguagem e de abordagens específicas, o autor seleciona ativamente o que deve ser ancorado e objetivado, direcionando a compreensão pública e moldando o julgamento da coletividade.

Para concluir esse raciocínio e provocar uma reflexão profunda, preciso ampliar a minha visão de análise. Se o mediador humano já se mostra naturalmente falho e ideológico, o cenário se torna ainda mais complexo e alarmante quando a mediação do conhecimento passa a ser gerada e administrada por máquinas. Ao trazer o debate para o centro da revolução digital, devo questionar o papel da Inteligência Artificial generativa, a exemplo do Gemini desenvolvido pelo

Google. Ao conectar essa inovação com a teoria crítica, percebo que o processo descrito por Roso e Guareschi (2007, p. 37), no qual as grandes empresas globais se consolidaram como grupos que concentram um poder mundial sem precedentes e controlam o fluxo de informações, ganha contornos ainda mais graves hoje. Com as novas tecnologias, essas corporações passam a utilizar sistemas que, conforme alerta Figueiredo (2024), tendem a reforçar os poderes sociais, econômicos e políticos dominantes.

Quando uma Inteligência Artificial formula uma resposta, ela faz isso protegida por uma imagem de neutralidade da tecnologia que não se questiona. Aparentemente, a máquina opera apenas com base em cálculos matemáticos abstratos e em estatísticas puras dos algoritmos (Figueiredo, 2024). Essa aparência de exatidão da matemática, no entanto, esconde um fato social e político muito importante. Conforme alerta Figueiredo (2024), toda Inteligência Artificial passa por um intenso treinamento anterior conduzido por desenvolvedores humanos e alimentado por imensas bases de dados.

Essas bases são selecionadas por aquelas mesmas grandes empresas globais que, de acordo com Roso e Guareschi (2007, p. 37), concentram o poder e controlam o fluxo de informações no mundo. Esse treinamento não é neutro, pois está carregado de ideologias e de interesses de mercado, operando para esconder as estratégias de poder e de dominação disfarçadas de informação imparcial (Thompson, 1995 *apud* Guareschi, 2000, p. 44). Fica claro para mim, portanto, que as grandes corporações realizam hoje de forma automática o mesmo papel que a mídia tradicional sempre desempenhou. Como lembra Alexandre (2001, p. 116), essas grandes empresas lidam com a fabricação e com a disseminação das representações, selecionando o que deve ser ancorado e objetivado, e ditando assim a maneira como a sociedade vai processar o saber da tecnologia e da vida social.

Diante desse mecanismo complexo da teoria e da sociedade, convido o leitor a repensar de forma profunda as suas próprias certezas. Guareschi (2006, p. 31) afirma que a televisão e os jornais definiam os assuntos discutidos pela população. Assim como a mídia tradicional fazia no passado, percebo que hoje os algoritmos das grandes empresas assumem esse mesmo papel de controle. Essas ferramentas de tecnologia atuam como guias absolutos dentro daquilo que Moscovici (2007, p. 50) define como universo reificado, ou seja, o mundo restrito e fechado dos especialistas.

A máquina que parece pensar de forma autônoma é, na verdade, um reflexo direto da ideologia de quem a programou e a financiou. Conforme atesta Figueiredo (2024), os sistemas atuais carregam os preconceitos de seus criadores e tendem a reforçar os poderes sociais e econômicos dominantes.

O grande desafio que vejo para a sociedade atual é desconstruir a ilusão de que os algoritmos são neutros. Caso contrário, as pessoas correm o risco de se tornarem reféns voluntárias de uma realidade padronizada. Assim como Roso e Guareschi (2007, p. 42) alertaram sobre os interesses de dominação dos grandes grupos de comunicação naquela época, constato que essa mesma concentração de poder foi transferida agora para os novos donos da tecnologia mundial.

2.3 Inteligência Artificial: Essência e Embasamento Científico

Até aqui dialogamos sobre a Teoria das Representações Sócias (TRS) e os seus mecanismos, que irão nos auxiliar a analisar os discursos compartilhados pela mídia jornalística a respeito da Inteligência Artificial integrada ao ambiente educacional. Entretanto, apesar de o nosso objetivo não ser julgar a veracidade das informações disseminadas na mídia. Estaríamos sendo ultracrepidários se prosseguíssemos adiante sem tomarmos conhecimento do que em suma se trata o que até aqui denominamos Inteligência Artificial e a sua essência baseada em estudos científicos.

Antes de tudo, preciso reconhecer que os sistemas de Inteligência Artificial são o resultado de anos de estudos, de aprimoramentos e da incorporação de diversas outras tecnologias. Além disso, embora as empresas desenvolvedoras desses sistemas possuam processos parecidos entre si, constato que é comum cada corporação estabelecer procedimentos internos restritos para garantir a exclusividade dos seus produtos. Dessa forma, apresento aqui alguns métodos padronizados e uma suposição simples sobre o funcionamento de uma Inteligência Artificial Generativa. O meu objetivo com isso é criar os parâmetros necessários para a análise dos textos.

A compreensão da Inteligência Artificial (IA) requer a superação de visões puramente conceituais em direção a uma análise rigorosa de seus fundamentos exatos. Sob a perspectiva da Ciência da Computação, a IA é definida como o estudo e a implementação de sistemas capazes de realizar funções que, se fossem executadas pelo ser humano, seriam consideradas inteligentes, englobando capacidades de aprendizagem, raciocínio e resolução de problemas (Mccarthy, 1956 *apud* Lorenzi, 2009, p. 2). Daí norteamos a originalidade dos termos utilizados para nomear elementos vinculados aos sistemas tecnológicos que nos remete à consciência humana. Para que as máquinas simulem essas capacidades cognitivas, a área apoia-se na Aprendizagem de Máquina (*Machine Learning*), um subcampo que utiliza métodos adaptativos

fundamentados em estatística para extrair padrões de grandes bases de dados sem a necessidade de programação explícita para cada regra (Fleck et al., 2016, p. 48).

O núcleo matemático do processamento inteligente reside nas Redes Neurais Artificiais (RNAs). Esses sistemas computacionais são inspirados no sistema nervoso biológico e empregam uma interligação maciça de células simples, denominadas neurônios artificiais (Fleck et al., 2016, p. 48). Matematicamente, um neurônio artificial opera processando um conjunto de variáveis de entrada x_i que são multiplicadas por valores específicos chamados de pesos sinápticos w_i . O sistema realiza um somatório dessas multiplicações e adiciona um valor constante, conhecido como *bias* (θ), resultando no valor de junção linear u :

$$u = \sum_{i=1}^n w_i x_i + \theta$$

O resultado u é submetido a uma função de ativação não linear $g(u)$, como a função sigmoide, que restringe a amplitude da saída e permite à rede mapear e resolver problemas de alta complexidade (Fleck et al., 2016, p. 50). O aprendizado consiste no ajuste iterativo desses pesos por meio de algoritmos de correção de erro até que a saída convirja estatisticamente para o resultado desejado (Mascarenhas et al., 2020, p. 2).

Nesse cenário, a IAG desponta como a variante mais recente e impactante dessa tecnologia. Diferentemente dos sistemas tradicionais desenhados para classificação, os modelos generativos operam por meio de processos estatísticos e de distribuições de probabilidade para prever e gerar novos conteúdos passo a passo (Figueiredo, 2024, p. 10). Para compreender cientificamente como essa geração ocorre, é imperativo analisar o mecanismo de tokenização e de inferência estatística.

Imaginemos uma interação qualquer do usuário para com a máquina. Quando o usuário insere uma instrução como a equação $2 + 1 =$, a arquitetura do sistema fragmenta a mensagem em unidades denominadas tokens (Sennrich, Haddow e Birch, 2016). Para fins de elucidação didática do processamento, definimos previamente os tokens alfabéticos para os símbolos, embora no processamento real sejam atribuídos identificadores numéricos (*IDs*) e vetores densos (*embeddings*):

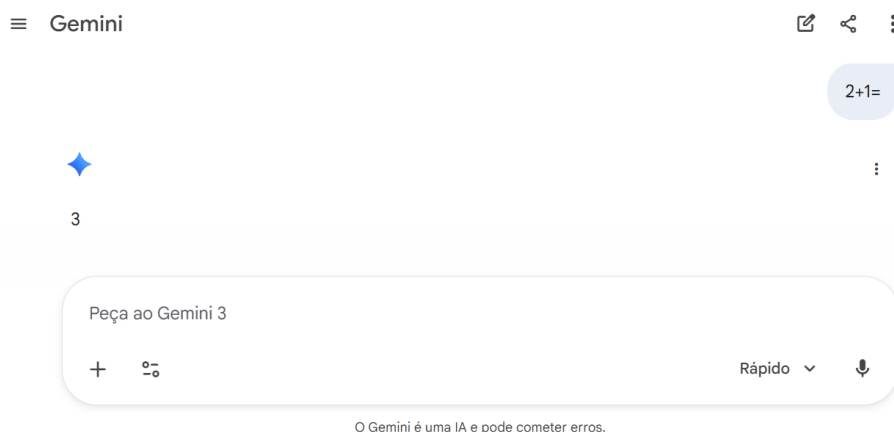
Tabela 1: Mapeamento de Símbolos para Tokens e IDs.

Símbolo	Token (Didático)	Representação Real (Exemplo de ID)
1	A	352
2	B	410
3	C	411
+	D	12
=	E	28

Fonte: Elaborada pelo autor (2026).

Ao receber a inferência $2 + 1 =$, e fragmenta-la por símbolos, a IA converte esses fragmentos em tokens para formar uma sequência. A partir da sequência $\{B, D, A, E\}$, o modelo não executa uma simples operação aritmética de soma como podemos imaginar. Em vez disso, busca estimar uma função $f: X \rightarrow Y$ (Mitchell, 1997, p. 2), aplicando fórmulas de probabilidade condicional para calcular qual é o próximo token estatisticamente mais provável de ocorrer baseado na sequência inserida (Sutskever e Vinyals e Le, 2014, p. 2; Mascarenhas et al., 2020, p. 7). Se, durante o treinamento e a incorporação da IA, parametrizou-se a resposta mais aproximada como sendo a sequência $\{B, D, A, E, C\}$, o sistema associará o token C (número 3 conforme Tabela 1) como o evento de maior probabilidade, retornando o número 3 como resposta ao usuário (*imagem 1*).

Imagem 1: Interação sem manipulação "2+1=3".



Fonte: Elaborada pelo autor (2026).

Contudo, a dependência estatística expõe a falibilidade epistemológica do sistema. O algoritmo baseia-se no risco empírico $\mathbb{R}(f)$, onde o aprendizado generaliza bem quando o erro sobre os dados de treinamento converge para o risco real (Vapnik, 1995, p. 36). Suponhamos que a base de dados receba a inserção massiva de dados incorretos atestando que " $2 + 1 = 1$ "

(sequência $\{B, D, A, E, A\}$). Como existirão mais ocorrências desta sequência no seu modelo de mundo, a estatística apontará que o token A é o mais favorável como próximo elemento para a sequência inicial inserida, e a máquina retornará com absoluta convicção computacional que $2 + 1 = 1$.

Imagem 2: Interação manipulada " $2+1=1$ ".



Fonte: Elaborada pelo autor (2026).

Apesar de a interação contida na *imagem 2* ser fruto de uma interação manipulada para corroborar o resultado orientado, este fenômeno comprova que os sistemas generativos operam combinando estatisticamente informações do passado, sendo estruturalmente incapazes de compreender a semântica ou a veracidade das palavras que manipulam (Figueiredo, 2024, p. 10). A máquina atua apenas como um espelho probabilístico de seu banco de dados, o que origina as alucinações, respostas inventadas para preencher lacunas estatísticas (Figueiredo, 2024, p. 11). Porém, fica claramente elucidado na própria interface da IA como o *Gemini AI* na *imagem 2*, na seção em destaque de cor vermelha, a mensagem expressa para o usuário de que apesar de ser uma Inteligência Artificial, pode cometer erros: “*O Gemini é uma IA e pode cometer erros.*”. Acho válido, considerando que é um modelo de sistema que busca se assimilar a mente humana, e, como diz o senso comum, “*Errar é humano*”.

Diante dessa constatação, levanta-se a exigência irrevogável de validação humana. Se os algoritmos são treinados com dados enviesados, podem perpetuar desinformação e discriminação algorítmica de forma automatizada (Borges, 2023, p. 73). Por fim, conclui-se que a interação com essas ferramentas deve ser regida com precaução, recaindo sobre o usuário a responsabilidade de validar a veracidade e a integridade ética de todos os resultados obtidos

(Figueiredo, 2024, p. 11). Para além da simples resolução de cálculos matemáticos, sabemos que as IA também processam textos.

Precisamos, então, definir o que é esse algoritmo que produz textos. O que chamamos de forma geral de Inteligência Artificial generativa é, em termos de computação, um modelo de linguagem de grande escala treinado para prever o próximo *token* mais provável em uma sequência. Essa operação não se diferencia em nada de um cálculo de estatística sobre um conjunto gigante de textos humanos (Figueiredo, 2024). Cada palavra que o sistema gera é a saída de uma função de probabilidade condicional. Ou seja, dada a sequência de tokens anteriores, a máquina calcula qual é o elemento com o maior peso no vetor de probabilidades do modelo (Sutskever, Vinyals, Le, 2014, p. 2). Constatamos que não existe escolha, não existe intenção e não existe compreensão nesse processo. O sistema não lê o que escreveu, não avalia se o que produziu é verdadeiro e não possui acesso a nenhuma realidade externa ao seu banco de parâmetros ajustados durante o treinamento, conforme alerta Figueiredo (2024). O que o modelo conhece é o padrão de estatística das relações entre os *tokens* no seu conjunto de dados. O que o modelo produz é apenas a continuação com maior probabilidade na estatística para a sequência que ele recebeu como entrada.

Essa distinção traz consequências diretas para a parte de análise desta pesquisa. Quando utilizo um sistema generativo como ferramenta para mediar a análise do meu conjunto de textos, não estou consultando uma inteligência que compreende os documentos. Na verdade, estou operando uma máquina que relaciona padrões de linguagem com base em dados de treinamento que ocorreram antes da interação. O sistema pode identificar ocorrências conjuntas, classificar por semelhança de sentido e resumir padrões frequentes nos textos exatamente porque foi treinado em volumes gigantes de textos acadêmicos, jornalísticos e científicos.

Essa capacidade de reconhecer padrões é muito útil como um instrumento de análise. Ela não é, porém, compreensão, Sennrich, Haddow e Birch (2016) demonstraram que mesmo as operações que parecem exigir um raciocínio com símbolos, como a tradução e a dedução, podem ser realizadas por modelos baseados em códigos de estatística de unidades menores das palavras, sem qualquer representação interna do significado. A máquina que produz texto é, portanto, uma máquina que calcula. Por isso, considero que a supervisão crítica humana sobre os seus resultados não é apenas um cuidado a mais no método, mas sim a condição essencial e obrigatória para garantir a validade da ciência em qualquer análise que se utilize essa tecnologia.

2.4 Inteligência Artificial e Educação: Perspectivas e Desafios

A transição para um modelo educacional personalizado encontra na inteligência artificial o seu principal motor de inovação e reestruturação metodológica. Conforme apontado por Barros *et al.* (2024, p. 159), a aplicação de algoritmos em plataformas adaptativas permite mapear continuamente o desempenho, as facilidades e as dificuldades específicas de cada estudante. A constatação dos autores evidencia um avanço inegável na coleta de dados escolares. A falsa neutralidade da tecnologia oculta as ideologias impostas pelos desenvolvedores corporativos. O mapeamento de dados do aluno atua ativamente como um mecanismo de enquadramento silencioso. Esse processo pode submeter o estudante aos critérios de eficiência e produtividade ditados pelo mercado. É preciso questionar se o sistema está apenas lendo passivamente o perfil do estudante ou se, na realidade, está moldando ativamente as possibilidades cognitivas desse sujeito, enquadrando suas dificuldades dentro de parâmetros predefinidos pelas hiperempresas de tecnologia.

A promessa de eficiência ganha contornos práticos quando observamos que, com base nessa análise de dados, o sistema ajusta automaticamente a dificuldade dos exercícios e fornece um retorno imediato, tornando a aprendizagem focada nas lacunas singulares do discente (Carvalho *et al.*, 2024, p. 2). O argumento de Carvalho reforça a agilidade da máquina em promover o acerto. No entanto, pedagogicamente, essa automação exige o levantamento de indagações profundas sobre a natureza da aprendizagem. Ao delegarmos à máquina o ajuste automático dos desafios e a entrega de um *feedback* instantâneo, não estaríamos suprimindo o tempo necessário para a maturação do pensamento humano? O erro, a dúvida e a dissonância cognitiva são motores essenciais para a construção da autonomia intelectual. O risco iminente é que, em nome de uma eficiência matemática inquestionável, a tolerância dos alunos à frustração seja corroída, gerando uma atrofia na capacidade humana de investigar e superar problemas sem a assistência imediata de um tutor virtual.

Apesar dessas tensões, a literatura defende que esse paradigma tecnológico se mostra essencial como uma ferramenta de inclusão e equidade, pois possibilita que alunos com variados ritmos de compreensão alcancem níveis semelhantes de proficiência através de materiais estruturados sob medida (Costa Júnior *et al.*, 2024, p. 1112), se mostrando uma visão valiosa no sentido de democratizar o acesso ao conhecimento e mitigar a evasão escolar.

Todavia, cabe problematizar o sentido sociológico dessa equidade. Se a máquina decide o que é o conhecimento ideal e dita o caminho para que todos atinjam a mesma proficiência, precisamos nos perguntar se essa inclusão representa uma verdadeira emancipação do sujeito ou se atua como um mecanismo sutil de nivelamento produtivo. A hipótese que se formula é a

de que a inclusão algorítmica corre o risco de padronizar as singularidades humanas, treinando todos os perfis para operarem como peças padronizadas que atendem perfeitamente aos interesses do novo mercado mediado pelo digital.

A mediação tecnológica altera de forma profunda a estrutura cognitiva envolvida no ato de aprender, reconfigurando a própria natureza do pensamento humano. O uso de ferramentas digitais introduz três modalidades distintas de cognição para os seres humanos: a cognição delegada, a cognição aumentada e a cognição colaborativa (Figueiredo, 2024, p. 10). A partir dessa categorização, torna-se imperativo questionar a qualidade da nossa interação com a máquina. A cognição aumentada expande a mente humana, enquanto a colaborativa forja uma parceria dinâmica para a resolução de problemas. Contudo, a hipótese que se levanta é de, até que ponto essa colaboração é genuína e não uma sutil submissão aos parâmetros e vieses impostos pelos algoritmos? A colaboração autêntica exige que o aluno não seja um mero receptor, mas que interaja criticamente com a máquina para validar, contestar e melhorar os conhecimentos gerados, assumindo o controle do processo representacional.

O maior alerta, no entanto, reside na primeira modalidade. Existe um perigo severo e silencioso atrelado à delegação cognitiva excessiva. Ao transferirmos para a Inteligência Artificial a responsabilidade por tarefas que exigem esforço intelectual, abrimos mão do próprio exercício do raciocínio. Figueiredo (2024, p. 10) adverte que, embora a delegação libere recursos mentais para outras atividades, ela tem o grave inconveniente de desincentivar a prática intelectual e conduzir, a prazo, ao declínio das capacidades cognitivas. De acordo com Figueiredo (2024, p. 12), a neurociência evidencia que a plasticidade neuronal, base da aprendizagem, é reduzida quando mantemos nossas capacidades inativas. Portanto, caso os estudantes deixem de exercitar o intelecto e confiem inteiramente nas respostas automatizadas para resolver problemas, enfrentaremos o risco de uma atrofia mental coletiva, perdendo a habilidade de raciocinar para além do que é extremamente simples (Figueiredo, 2024, p. 10).

Diante desse cenário de potencial degeneração cognitiva, o papel da instituição escolar adquire uma urgência sem precedentes. O autor alerta incisivamente que a ausência de intervenção pedagógica enérgica nesse processo pode resultar na formação de uma geração de pessoas estúpidas em meio a uma era dominada por máquinas inteligentes (Figueiredo, 2024, p. 11). Esse prognóstico sombrio nos põe a refletir se a escola atual está preparada para intervir e ensinar o aluno a dominar a máquina, ou continuará passiva, permitindo que a tecnologia terceirize e padronize o pensamento humano? A superação dessa ameaça encontra-se largamente nas mãos da escola, que deve atuar de forma radical para garantir que a tecnologia funcione exclusivamente como uma extensão da mente, e não como o seu substituto.

No cotidiano escolar, a inteligência artificial demonstra resultados tangíveis na otimização do ensino, embora sua adoção exija cautela metodológica. Estratégias como a gamificação aumentam o engajamento e a motivação dos alunos, enquanto assistentes virtuais interativos esclarecem dúvidas de forma instantânea, proporcionando um suporte contínuo fora do horário de aulas (Barros et al., 2024, p. 161). A literatura adverte, contudo, que a eficácia dessas ferramentas depende de uma intencionalidade pedagógica clara.

Sem a mediação humana adequada, a gamificação corre o risco de atuar apenas como um sistema de condicionamento comportamental focado em recompensas. Igualmente, a eliminação imediata das dúvidas por meio de assistentes virtuais pode suprimir o tempo necessário para a pesquisa autônoma e para a maturação do pensamento do aluno, induzindo a uma forma de cognição delegada que desincentiva o esforço intelectual (Figueiredo, 2024, p. 10).

Outra aplicação fundamental é a análise de rastros digitais e a correção automatizada de atividades, processos que liberam o educador de tarefas repetitivas e permitem intervenções pedagógicas direcionadas (Carvalho et al., 2024, p. 2). Embora a agilidade administrativa seja inegável, a extração contínua de dados impõe severas responsabilidades institucionais. Torna-se absolutamente necessário garantir a proteção dos dados dos estudantes e assegurar que as decisões tomadas pelos algoritmos sejam justas e não perpetuem vieses discriminatórios (Silva, 2023, p. 62). Ademais, a correção automatizada, regida por padrões estatísticos estritos, demanda supervisão atenta para que não atue como um mecanismo de padronização do raciocínio, o qual poderia acabar punindo a divergência criativa do estudante em prol de respostas exatas esperadas pelo sistema.

No ensino superior e na pesquisa avançada, as implicações alcançam um grau de complexidade ainda maior. O uso de ferramentas baseadas em grandes modelos de linguagem atua como um tutor virtual capaz de estruturar conceitos, analisar textos densos e sintetizar documentos volumosos, ampliando as fronteiras da investigação acadêmica (Azambuja e Silva, 2024, p. 8). Contudo, existe o perigo iminente de a inteligência artificial simplificar excessivamente conceitos complexos, o que limita o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de argumentação, habilidades que constituem a essência do ambiente universitário (Azambuja e Silva, 2024, p. 10).

Para além da simplificação, os sistemas generativos operam combinando estatisticamente textos existentes sem compreender o que estão processando. Essa fragilidade estrutural faz com que a máquina, frequentemente, invente respostas e referencie obras inexistentes para preencher lacunas, fenômeno conhecido como alucinação (Figueiredo, 2024,

p. 9). Diante dessa realidade, a interação com a tecnologia na academia deve ser rigorosamente balizada pelo princípio da precaução. Como essas ferramentas são pouco fiáveis em situações que exigem veracidade absoluta, cabe exclusivamente ao usuário humano a responsabilidade indelegável de validar, questionar e atestar a integridade ética de todos os resultados obtidos (Figueiredo, 2024, p. 10).

Diante da automação massiva de diversas funções transmissivas, o papel do professor exige uma reconfiguração radical. O modelo tradicional, calcado essencialmente na transferência de conhecimentos explícitos, encontra-se esgotado. A literatura evidencia que os sistemas artificiais realizam a tarefa de armazenamento e repasse de informações com uma eficiência e disponibilidade inalcançáveis para um ser humano (Azambuja e Silva, 2024, p. 12). Conseqüentemente, a atuação docente deve ser redirecionada para aquilo que a máquina não pode replicar: a orientação do pensamento crítico e o desenvolvimento de virtudes morais e intelectuais (Azambuja e Silva, 2024, p. 14).

Para efetivar essa mudança, torna-se imprescindível a adoção das pedagogias de nova geração, divididas em pedagogias da emancipação, de projeto e de socialização. A permanência no modelo tradicional em um ambiente permeado pela inteligência artificial pode gerar uma insanidade pedagógica, na qual os alunos tentam fraudar o sistema de avaliação e os professores atuam como meros árbitros de autenticidade, destruindo o verdadeiro sentido da educação (Figueiredo, 2024, p. 11). Para que o professor assuma seu verdadeiro papel de arquiteto de experiências significativas, a formação continuada no campo digital é uma exigência inegociável. Negligenciar a incorporação crítica da teleinformática condenaria o educador a se tornar uma figura inútil e obsoleta perante as demandas da sociedade contemporânea (Moura e Nunes, 2023, p. 5).

Apesar de seu vasto potencial pedagógico, a adoção da inteligência artificial generativa esbarra em graves desafios éticos e estruturais. O perigo primário reside no fato de que essas máquinas não compreendem semanticamente as palavras que manipulam, operando unicamente por probabilidade estatística (Figueiredo, 2024, p. 8). Essa lacuna computacional gera o risco constante da alucinação, fenômeno que ocorre quando o sistema inventa afirmações absurdas e referencia obras inexistentes com extrema convicção para preencher vazios em sua base de dados (Figueiredo, 2024, p. 9). Adicionalmente, como as plataformas são treinadas a partir de conteúdos da internet frequentemente impregnados de preconceitos, o ambiente escolar fica exposto ao risco de disseminação de desinformação e discursos discriminatórios automatizados.

3 METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de cunho documental. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela natureza do objeto de estudo, visto que esse modelo considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, focando na interpretação dos fenômenos e na atribuição de significados na realidade social (Prodanov e Freitas, 2013, p. 69). No que diz respeito aos procedimentos técnicos, a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado, transformando-os em fontes primárias de informação que podem ser reelaboradas de acordo com os objetivos delineados para o estudo (Gil, 2008 *apud* Prodanov e Freitas, 2013, p. 55).

A composição do *corpus* de análise, realizou-se uma busca sistemática na internet utilizando os descritores “inteligência artificial e educação”. Os critérios de seleção foram delimitados para incluir exclusivamente matérias jornalísticas e editoriais produzidos por autores do meio midiático que apresentassem densidade sobre a integração da tecnologia nas práticas escolares. Textos superficiais ou que fugissem ao tema central foram sumariamente excluídos. Dentre os materiais selecionados para compor a investigação, destacam-se publicações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reconhecida pela sigla Unesco. A inclusão desses documentos específicos justifica-se pela imensa relevância e autoridade global desta organização, que atua como um inquestionável farol na orientação de políticas educacionais e no monitoramento dos impactos tecnológicos e sociais no ensino em escala planetária.

Para o tratamento e a interpretação teórica dos dados, o estudo ancora-se firmemente no paradigma das representações sociais, assumindo como roteiro analítico as dimensões propostas por Denise Jodelet (2001, p. 33). A investigação buscará desvelar a primeira dimensão, referente às condições de produção e circulação, mapeando o contexto ideológico e o tipo de comunicação midiática que forjam a representação. Em seguida, a análise aprofundará a segunda dimensão, focada nos processos e estados das representações, identificando como a mídia classifica o elemento estranho em categorias familiares por meio da ancoragem e como transforma conceitos abstratos em imagens concretas através da objetivação (Moscovici, 2004, p. 78). Por fim, será avaliado o estatuto epistemológico dessa representação, compreendendo o seu valor de realidade e o modo como o discurso se consolida como uma verdade socialmente aceita (Jodelet, 2001, p. 36). Essa imersão analítica permitirá categorizar com precisão o posicionamento dos discursos jornalísticos, sejam eles de euforia tecnológica ou de receio de

substituição docente, aferindo de forma sistemática a dimensão da atitude inerente à comunicação (Moscovici, 2004, p. 38).

Visando garantir a robustez e a validade científica das conclusões, a análise e a interpretação final dos resultados serão inteiramente sustentadas pelos autores utilizados para compor o referencial teórico da pesquisa. Conforme determinam os preceitos metodológicos acadêmicos, os dados empíricos extraídos do corpus documental serão confrontados, discutidos e validados através de um diálogo constante com a literatura teórica especializada e com os conceitos fundamentais da teoria, assegurando que a investigação desvele a real estrutura complexa das representações sociais que moldam a recepção da tecnologia no cenário educativo contemporâneo.

O processo de análise do *corpus* desta pesquisa envolveu o emprego mediado do *Gemini AI* como ferramenta de apoio interpretativo, o que exige descrição metodológica precisa dada a natureza computacional do instrumento. O procedimento adotado organizou-se em etapas sequenciais e analiticamente independentes, concebidas a partir da compreensão de que um modelo de linguagem generativa opera por predição estatística de *tokens* e não possui capacidade de compreensão semântica real (Figueiredo, 2024, p. 10). Dessa limitação estrutural decorreu a decisão metodológica central deste estudo: cada etapa analítica foi conduzida em uma conversa isolada e nova com o sistema, impedindo que o contexto de uma análise anterior contaminasse o raciocínio estatístico do modelo nas etapas subsequentes. Essa separação é necessária porque os modelos generativos tendem, ao longo de uma mesma sessão, a ancorar respostas posteriores nas predições que já produziram, fenômeno que pode transformar uma classificação inicial equivocada em premissa irrefutável para as análises seguintes.

O protocolo analítico foi estruturado em seis etapas distintas. Na primeira, submeteu-se o corpus completo ao sistema com instrução específica para a realização da análise de sentimento, obtendo a classificação de cada texto em positivo, negativo ou neutro. Na segunda etapa, solicitou-se ao sistema que identificasse os sentimentos emergentes em cada categoria, com exigência de corroboração por citações diretas extraídas dos próprios textos, o que funcionou como mecanismo de auditoria das classificações produzidas. Na terceira etapa, o *corpus* foi submetido à análise conforme os critérios de Sá (1998), com instrução explícita para verificar a existência de uma representação social consolidada ou emergente, vedando ao modelo qualquer menção aos processos de objetivação e ancoragem nesse momento para preservar a independência das etapas. Na quarta e quinta etapa, o sistema foi instruído a analisar objetivação e ancoragem separadamente, com prompts construídos a partir do referencial teórico de Jodelet (1993) e com restrição explícita de uso de citações diretas do corpus. Na sexta

etapa, solicitou-se uma síntese das funções sociais da representação identificada, articulando os resultados das etapas anteriores sem repetição de conteúdo já classificado.

Em todas as etapas, os resultados produzidos pelo *Gemini AI* foram submetidos à validação crítica do pesquisador antes de serem incorporados ao trabalho. Essa validação consistiu na verificação da pertinência teórica das classificações produzidas, na conferência das citações diretas indicadas pelo modelo nos textos originais do corpus e no cotejo dos resultados com o referencial teórico da pesquisa. Quando o sistema produziu classificações inconsistentes ou citações imprecisas, o prompt foi reformulado e a análise, refeita. Esse ciclo de produção, validação e correção é o que distingue o uso da IA generativa como ferramenta científica mediada do uso acrítico que a *seção 2.3* desta pesquisa identificou como epistemologicamente insustentável. A interpretação dos resultados, a articulação com a teoria e a responsabilidade pelo argumento científico são inteiramente do pesquisador.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para iniciar a fase de análise dos dados, torna-se imperativo compreender a natureza dos agentes produtores das informações que compõem o corpus, uma vez que a produção de sentido é indissociável das condições sociais e históricas de seus emissores. De acordo com Fernandes (2013, p. 52), as representações sociais são convencionais e tornam as ideias como padrão de um grupo social, o que exige identificar quem são esses agentes, sua localização geográfica, seus valores institucionais e o público-alvo que pretendem atingir. Essa caracterização permite levantar hipóteses sobre as propriedades que corroboram a construção das representações sociais em seu meio, considerando que os meios de comunicação de massa atuam como intermediários técnicos que difundem mensagens para uma audiência heterogênea e vasta (Alexandre, 2001, p. 113). Portanto, analisar o alcance e a influência desses produtores é fundamental para entender como eles contribuem para a produção de conhecimento e para a cristalização de atitudes e opiniões que serão integradas ao universo consensual de outros grupos sociais (Alexandre, 2001, p. 113; Moscovici, 2007, p. 50).

A seguir, no *Quadro 1*, apresentamos uma esquematização da composição do *Corpus* da pesquisa que se construiu por meio da busca via Google a partir da inferência dos termos “inteligência artificial e educação”.

Quadro 1: Composição do *Corpus* da pesquisa.

Texto	Editora / Jornal / Blog	Título da Matéria	Autor	Ano
01	O Globo	Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação	Bruno Alfano	2023
02	Cubo Itaú	Inteligência artificial na educação: tendências e impactos	Não especificado (Equipe Cubo)	2024
03	Folha de S.Paulo	Que matemática ensinaremos no futuro?	Marcelo Viana	2020
04	G1	Escola troca professores por inteligência artificial e tem só 2 horas de aula por dia	Redação g1	2025
05	G1	Ensino começa a integrar inteligência artificial no Brasil; especialistas veem oportunidade, mas com riscos	Não especificado (Redação g1)	2026
06	Revista Appai Educar	Formação Docente na Era da IA	Appai	2025
07	TrendsCE	UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA	Pádua Martins	2025
08	O Regional	Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação	Da Reportagem Local	2026
09	Folha de S.Paulo	Inteligência artificial individualiza ensino e ajuda professores	Ocimara Balmant	2018
10	Folha de Pernambuco	Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais	Vitória Floro	2024
11	BBC News Brasil	Como a Inteligência Artificial já está mudando salas de aula no Brasil e no mundo	Não especificado	2026
12	ONU News	Unesco reúne ministros da educação para discutir uso do ChatGPT nas escolas	Não especificado	2023
13	ONU News	Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores	Evgeniya Kleshcheva	2026
14	Gazeta do Povo	Educação, inteligência artificial e novos cenários	Educação & Mídia	2021
15	Folha de S.Paulo	Como a inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí	Priscila Carvalho	2025
16	Veja	Brasileiros acreditam que aprender sobre IA amplia chances no trabalho	Pedro Gil	2026

17	Appai	Inteligência artificial na educação e os desafios do aprendizado superficial	Antônia Figueiredo e Jéssica Almeida	2023
18	Veja	O estrago do mundo digital: pesquisa mostra declínio de jovens e adultos em matemática e leitura	Valéria França	2026
19	Veja	A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino	Valéria França e Fábio Altman	2025
20	Folha de Pernambuco	Práticas com o uso da IA em sala de aula que potencializam o protagonismo do professor	Rogério Morais	2026

Fonte: Produzido pelo autor, 2026.

À primeira vista, podemos destacar algumas editoras de grande repercussão nacional como: G1, Folha de S. Paulo e Gazeta do Povo. Além dessas, ainda apresentamos editoras de audiência mundial como: O Globo, BBC News Brasil e ONU News. Na próxima seção faremos uma caracterização de cada uma das editoras para tomarmos conhecimento de seus ideais e sua relevância social.

4.1 Caracterização das editoras do *Corpus*

A produção de sentido é indissociável das condições sociais e históricas de seus emissores. De acordo com Fernandes (2013, p. 52), as representações sociais são convencionais e tornam as ideias padrão de um grupo social, o que exige identificar quem são esses agentes, sua localização geográfica, seus valores institucionais e o público alvo que pretendem atingir. Essa caracterização permite levantar hipóteses sobre as propriedades que corroboram a construção das representações sociais em seu meio, considerando que os meios de comunicação de massa atuam como intermediários técnicos que difundem mensagens para uma audiência heterogênea e vasta (Alexandre, 2001, p. 113).

Esse procedimento que adoto encontra o seu fundamento na obra pioneira de Serge Moscovici (1961) intitulada *A Psicanálise sua imagem e seu público*. Ao investigar como a imprensa francesa representava a psicanálise, constato que Moscovici não tomou a mídia como um grupo único e neutro de transmissão de informações. Ao contrário, o autor dedicou uma atenção rigorosa à caracterização dos veículos de comunicação que compunham o seu conjunto de textos, mapeando o alcance, os perfis dos leitores, as orientações da política e os vínculos de

ideologia. Ele fez isso por entender que cada órgão de imprensa fala a partir de um grupo social específico. Os jornais comunistas, os veículos católicos, os liberais e os populares de Paris não tinham apenas opiniões diferentes sobre a psicanálise. Eles construíam a teoria a partir de lugares sociais distintos e direcionavam essa teoria para públicos com diferentes visões de mundo. Percebo, portanto, que a representação não ocorre antes do emissor, mas exige a sua existência para se formar.

Transpondo essa lógica para o presente estudo, compreende-se que as vinte matérias que compõem o corpus desta pesquisa não são produções de uma mídia abstrata e indiferenciada. Elas emergem de editoras e portais com histórias institucionais, vínculos econômicos, linhas editoriais, escalas de alcance e posicionamentos políticos distintos, que necessariamente condicionam os modos pelos quais a inteligência artificial é nomeada, enquadrada e avaliada no contexto educacional. O *quadro 2* sistematiza os onze veículos identificados no corpus. A partir dessa sistematização, é possível traçar um perfil do campo midiático que produz as representações sociais sobre a IA na educação no Brasil e no mundo.

Quadro 2: Caracterização das editoras do Corpus.

Editora	Resumo Institucional (Site Oficial)	Sede	Escala	Natureza	Alcance de Público	Posição Política
O Globo	O maior conglomerado de mídia do Brasil, focado em criar, produzir e distribuir conteúdo de qualidade em diversas plataformas, atingindo quase toda a população. ¹	Rio de Janeiro, RJ	Mundial	Privada	Mais de 99% da população brasileira ao ano. ¹	Liberal-Pluralista; criticada pela esquerda e direita. ²
G1	Portal de notícias nativo digital da Globo, com redações em todos os estados, focado em agilidade e cobertura em tempo real. ⁴	Rio de Janeiro, RJ	Nacional	Privada	55 milhões de usuários mensais. ⁴	Apartidário e Plural, baseado nos Princípios Editoriais da Globo. ³
Folha de S.Paulo	Jornal diário nacional pautado pelo pluralismo, apartidarismo e	São Paulo, SP	Nacional	Privada	Líder em circulação e influência entre diários	Liberal, Reformista e Pluralista. ⁶

	jornalismo crítico, com foco na defesa da democracia e livre-iniciativa. ⁶				de interesse geral. ⁷	
Revista VEJA	Publicação semanal que analisa os principais fatos da política, economia e cultura, buscando um olhar atento às mudanças mundiais. ⁸	São Paulo, SP	Nacional	Privada	Alta penetração em classes decisoras e formadores de opinião. ⁹	Equilíbrio; foco no pragmatismo contra extremos. ¹⁰
Gazeta do Povo	O maior jornal do Paraná, que migrou para o digital nacional focando em valores conservadores e defesa das liberdades. ¹¹	Curitiba, PR	Nacional	Privada	Público nichado de orientação conservadora em todo o Brasil. ¹¹	Direita / Conservadorismo. ¹¹
Cubo Itaú	Ecossistema de inovação sem fins lucrativos focado na curadoria de startups para geração de negócios e impacto social. ¹⁴	São Paulo, SP	Mundial	Privada	+500 startups de 18 países e comunidade global de investidores. ¹⁴	Neutra / Inovação / Foco em ESG. ¹⁴
APPAI	Instituição sem fins lucrativos que promove bem-estar e qualidade de vida para professores públicos e seus dependentes. ¹⁷	Rio de Janeiro, RJ	Estadual	Privada	Milhares de associados no RJ e rede educacional associada. ¹⁸	Neutra / Educacional / Institucional. ¹⁸
TrendsCE	Multiplataforma estratégica que fomenta o ambiente de negócios e conecta o setor produtivo a investimentos regionais. ²⁰	Fortaleza, CE	Regional	Privada	Público representativo do PIB da região e líderes empresariais. ²⁰	Pró-mercado / Desenvolvimento Regional. ²⁰
Folha de Pernambuco	Veículo fundado em 1998 que utiliza linguagem acessível para integrar comunidade, poder público e	Recife, PE	Estadual	Privada	Ampla penetração em Pernambuco e Região Metropolitana do Recife. ²¹	Pluralista / Foco em desenvolvimento econômico local. ²²

	setor produtivo local. ²¹					
BBC News Brasil	Serviço brasileiro da corporação pública britânica, reconhecido pela independência editorial e jornalismo imparcial. ²⁴	Londres / SP	Mundial	Pública	Milhões de usuários globais em língua portuguesa. ²⁴	Imparcialidade estrita / Independência editorial. ²⁴
ONU News	Serviço multimídia das Nações Unidas que produz notícias sobre paz, segurança, desenvolvimento e direitos humanos. ²⁵	Nova York / Viena	Mundial	Pública	Global, atingindo audiências em 9 idiomas diferentes. ²⁵	Institucional / Diplomática / Direitos Humanos. ²⁶
Jornal O Regional	Periódico regional focado na cobertura política e cotidiana de municípios do sul do Paraná e Santa Catarina. ²⁹	Piên, PR	Regional	Privada	10 mil exemplares semanais e presença digital regional. ²⁹	Regionalista / Foco em política local. ²⁹

Fonte: Produzido pelo autor, 2026.

Analisando as características de cada editora como representado no *quadro 2*, emergem alguns traços estruturantes que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, nota-se uma predominância massiva da mídia privada: dos onze veículos identificados, apenas a BBC News Brasil e a ONU News possuem natureza pública ou institucional-multilateral. Todos os demais são empresas privadas de comunicação, o que, à luz de Guareschi (2000, p. 37), não é uma informação neutra. A mídia privada opera sob lógicas de mercado que condicionam a seleção de pautas, o enquadramento dos temas e o horizonte de expectativas do público-leitor. Nesse sentido, as representações sobre a IA na educação produzidas por esse campo não são apenas reflexo de uma realidade técnica, mas construções simbólicas atravessadas por interesses econômicos, inclusive os das indústrias de tecnologia que financiam, direta ou indiretamente, parte do ecossistema midiático.

Em segundo lugar, observa-se uma concentração geográfica expressiva no eixo Rio-São Paulo: O Globo, o G1, a Folha de S.Paulo, a Revista Veja e o Cubo Itaú têm suas sedes nas duas maiores metrópoles brasileiras, que historicamente centralizam a produção cultural, econômica e comunicacional do país. Essa centralização significa que o imaginário sobre a IA na educação que circula nacionalmente é, em grande medida, produzido a partir das vivências, prioridades

e perspectivas dos grandes centros urbanos, podendo invisibilizar as realidades educacionais das periferias, do interior e das regiões Norte e Nordeste, com exceção parcial da Folha de Pernambuco e do TrendsCE, veículos de escala regional.

Em terceiro lugar, chama atenção a heterogeneidade das posições políticas das editoras dos veículos. O corpus reúne desde veículos que se declaram liberais-pluralistas (O Globo, Folha de S.Paulo) até um veículo de orientação conservadora (Gazeta do Povo), passando por publicações institucionais e neutras (ONU News, APPAI), um ecossistema de inovação corporativa (Cubo Itaú) e um veículo de alcance mundial com padrão de imparcialidade estrita (BBC News Brasil). Moscovici (1961) demonstrou que as representações sobre um mesmo objeto variavam sistematicamente conforme a orientação ideológica do veículo que as produzia. Espera-se que esse padrão se reproduza no presente corpus: veículos de orientação mais voltada ao mercado tendem a representar a IA como solução eficiente e inovadora, enquanto veículos institucionais ou ligados à categoria docente, como a APPAI, podem revelar maior tensão e ambivalência diante da tecnologia.

Por fim, destaca-se a presença de dois veículos de escala mundial e natureza não comercial, a ONU News e a BBC News Brasil, que conferem ao corpus uma dimensão que transcende o debate nacional. A inclusão da ONU News, em particular, ancora o corpus em um discurso de autoridade global representado pela UNESCO, que atua como polo normativo nas discussões sobre tecnologia e educação. Trata-se de um emissor de natureza distinta dos demais: não é um veículo jornalístico no sentido comercial clássico, mas um aparato institucional de produção de discurso normativo internacional, cujas posições tendem a ser adotadas como referências legítimas por governos, formuladores de políticas e pela própria mídia nacional.

Em síntese, o mapeamento das editoras do corpus revela um campo de produção discursiva atravessado por três grandes eixos de tensão: o eixo da escala (local, nacional, mundial), o eixo da natureza institucional (privado, público, multilateral) e o eixo da orientação político-editorial (liberal, conservador, neutro, institucional). Saber quem produz o discurso sobre a IA na educação é a condição de possibilidade para compreender o que é dito, como é dito e para quem é endereçado, questões às quais os itens subsequentes se dedicarão.

4.2 Análise de sentimento

Nesta seção buscaremos mapear qual a sensação sentimental que as editoras aparentemente buscam transmitir por meio dos seus textos no que se refere à relação entre a inteligência artificial e a educação, se esse sentimento é favorável, desfavorável ou neutra.

Como já discutido, acredita-se que a IA já tenha respostas predefinidas baseadas em fontes online. Ao perguntar ao Gemini Ai, “*Para você, o que é a análise de sentimento de um texto?*”, a resposta obtida foi:

A análise de sentimento — também conhecida como mineração de opinião — é uma subárea do Processamento de Linguagem Natural (PLN) que busca identificar, extrair e quantificar estados emocionais e opiniões subjetivas contidos em um texto. Em termos práticos, é a capacidade de um sistema computacional "ler" uma frase e determinar se a atitude do autor é positiva, negativa ou neutra. (Gemini, 2026)

No contexto desta pesquisa, a análise de sentimento cumpre uma função metodológica precisa. Ela permite mapear, de forma sistemática, o tom predominante no qual a mídia jornalística enquadra a integração da inteligência artificial à educação, oferecendo uma análise afetiva do *corpus*, afim de identificar superficialmente a neutralidade (positivo, neutro ou negativo), antes de aprofundar na análise dos processos representacionais propriamente ditos.

Para realizar essa etapa, recorreu-se ao Gemini AI como ferramenta analítica mediadora, em um processo composto por três análises sequenciais e complementares. Cada análise é apresentada a seguir com seu respectivo *prompt* (Comando ou pergunta feita à IA) e a resposta do Gemini AI. Iniciamos com o *quadro 3*.

Quadro 3: Análise de sentimento A.

Prompt 1: Gemini, estou fazendo uma pesquisa científica sobre a relação entre IA e educação veiculada pela mídia. estou com um corpus de 20 textos. sua tarefa é realizar uma análise de sentimento e criar uma tabela classificando cada um dos 20 textos em positivo, negativo e neutro.

Resposta 1: Com base no corpus fornecido, realizei a análise de sentimento de cada texto. A classificação considera como a mídia veiculou a relação entre Inteligência Artificial e educação, focando em benefícios (positivo), riscos e despreparo (negativo) ou abordagens informativas e equilibradas (neutro).

Aqui está a tabela classificatória dos 20 textos:

<i>Texto</i>	<i>Título Principal / Fonte</i>	<i>Sentimento</i>	<i>Justificativa Breve</i>
--------------	-------------------------------------	-------------------	----------------------------

01	<i>Inteligência artificial já corrige redações... (O Globo)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Destaca ferramentas que otimizam a rotina escolar e auxiliam professores.</i>
02	<i>IA na educação: tendências e impactos (Cubo Itaú)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Enfoca o potencial de revolucionar o aprendizado e personalizar o ensino.</i>
03	<i>Que matemática ensinaremos no futuro? (Folha de SP)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Reflexão teórica sobre o papel da matemática como ferramenta de compreensão do mundo.</i>
04	<i>Escola troca professores por IA (G1)</i>	<i>Negativo</i>	<i>Aborda a substituição de docentes e riscos de "robotização" dos alunos.</i>
05	<i>Ensino começa a integrar IA no Brasil (G1)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Apresenta oportunidades de inovação, mas pondera sobre a falta de regras e riscos.</i>
06	<i>Formação Docente na Era da IA (Appai)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Defende que a IA amplia possibilidades e transforma positivamente a prática docente.</i>
07	<i>UNESCO: setor educacional despreparado para a IA (TrendsCE)</i>	<i>Negativo</i>	<i>Alerta para o despreparo ético e pedagógico das instituições.</i>
08	<i>Caminho para uso moderado de IA na educação (O Regional)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Propõe equilíbrio entre o uso da tecnologia e a manutenção do pensamento crítico.</i>

09	<i>IA individualiza ensino e ajuda professores (Folha de SP)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Relata casos de sucesso na identificação de dificuldades e planos de estudo.</i>
10	<i>Democratização da IA no ensino público (Folha PE)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Foca na redução de diferenças educacionais e inclusão tecnológica.</i>
11	<i>Como a IA já está mudando salas de aula (BBC Brasil)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Demonstra como algoritmos ajudam a sanar dúvidas e medir o aprendizado.</i>
12	<i>Unesco reúne ministros sobre ChatGPT (ONU News)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Relato jornalístico sobre discussões globais de políticas e treinamento.</i>
13	<i>IA nunca poderá substituir professores (ONU News)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Reconhece o papel positivo da IA, mas enfatiza a insubstituibilidade humana.</i>
14	<i>IA e novos cenários (Gazeta do Povo)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Explora como a tecnologia auxilia a educação em diversas frentes cotidianas.</i>
15	<i>IA virou disciplina obrigatória no Piauí (Folha de SP)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Destaca o pioneirismo do estado e o preparo dos alunos para o mercado.</i>
16	<i>IA amplia chances no trabalho (Veja)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Mostra o otimismo dos brasileiros quanto às oportunidades profissionais via IA.</i>
17	<i>IA na educação e desafios do aprendizado superficial (Appai)</i>	<i>Negativo</i>	<i>Discute riscos à saúde mental do educador e superficialidade do ensino.</i>

18	<i>O estrago do mundo digital (Veja)</i>	<i>Negativo</i>	<i>Relaciona o uso excessivo de telas ao declínio em matemática e leitura.</i>
19	<i>A era do giz virtual (Veja)</i>	<i>Neutro</i>	<i>Analisa a transição do medo da falência da educação para o aperfeiçoamento do uso.</i>
20	<i>Práticas de IA que potencializam o professor (Folha PE)</i>	<i>Positivo</i>	<i>Sugere formas práticas de usar a IA para diminuir a sobrecarga docente.</i>

Resumo da Análise

- *Positivos (10): A maioria dos textos foca na personalização do ensino, na otimização do trabalho docente e no mercado de trabalho.*
- *Negativos (4): Concentram-se no despreparo das instituições, riscos de substituição humana e perda de habilidades básicas.*
- *Neutros (6): Priorizam reflexões teóricas, debates sobre regulamentação e a busca pelo equilíbrio ético.*

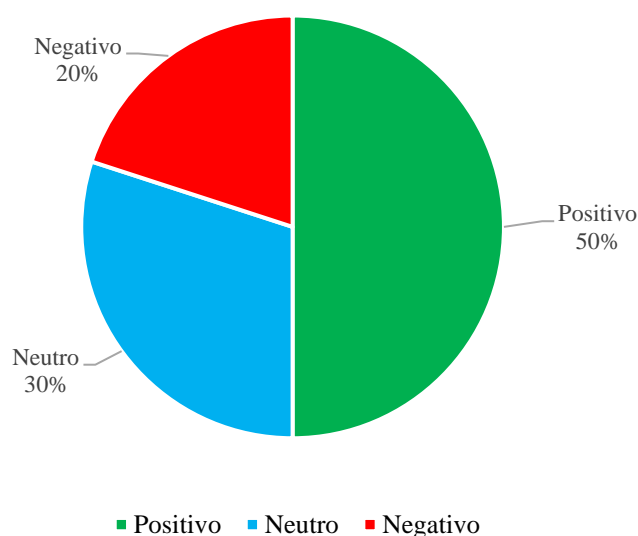
Fonte: Gemini AI, 2026.

A classificação produzida pelo *Gemini AI*, no *quadro 3* evidencia de maneira operacional a dimensão de atitude descrita na formulação da teoria das representações sociais. Conforme aponta Sá (1998, p. 69), a atitude é uma das dimensões constituintes da representação, atuando ao lado da informação e do campo de representação. Na prática da pesquisa, essa dimensão manifesta-se quando os membros de um grupo assumem uma atitude favorável ou desfavorável sobre o objeto e estabelecem uma relação de crença ou descrença frente ao fenômeno (Moscovici, 2007, p. 314; Sa, 1998, p. 48).

Ao identificar que dez textos expressam otimismo tecnológico e quatro expressam risco ou despreparo, a ferramenta capturou por via estatística o mesmo fenômeno que a teoria descreve por via psicossocial, a tendência de o campo midiático majoritário ancorar a Inteligência Artificial ao polo semântico do progresso e neutralizar suas dimensões conflituosas. É importante registrar que essa classificação foi produzida por um sistema computacional que opera por probabilidade e cruzamento de dados sem possuir compreensão

semântica real, o que torna indispensável a validação crítica humana dos resultados apresentados para atestar a sua fidedignidade, evitando o risco de o pesquisador trabalhar sobre um discurso social falacioso (Sa, 1998, p. 49)

Grafico 1: Distribuição de Sentimentos do *Corpus*



Fonte: Produzido pelo autor com base no quadro 3, 2026.

A distribuição obtida com dez textos positivos, quatro negativos e seis neutros são coerentes com o que a teoria prevê para um objeto em processo de familiarização na sociedade. A noção de familiarização estabelece que a finalidade primária de toda representação é tornar familiar o que é estranho ou ameaçador, o que explica a predominância do enquadramento positivo na mídia (Moscovici, 2007, p. 54).

Ao associar a tecnologia à personalização do ensino e à otimização do trabalho docente, os veículos realizam o trabalho de ancoragem em categorias afetivamente seguras. A concentração dos textos negativos em veículos ligados à educação ilustra os processos de distorção e subtração previstos na metodologia de pesquisa, nos quais a ideia se afasta do objeto real por meio de exageros ou omissões de informações para atender aos interesses de um grupo (Jodelet, 1993, p. 16). Isso sugere que os grupos com maior envolvimento prático com a educação resistem à representação puramente otimista e apontam as falhas omitidas pelo discurso oficial.

De acordo com o *quadro 3*, quatro dos vinte textos foram classificados como negativos, e estes destacam o despreparo das instituições, os riscos de substituição humana e a perda de habilidades básicas essenciais. É relevante notar que dois desses textos negativos provêm justamente de veículos institucionais ligados à categoria docente e a organismos internacionais, o que reforça a hipótese de que são os emissores vinculados diretamente à prática da educação aqueles que produzem os discursos mais críticos sobre o tema. Esses veículos alertam especificamente que a máquina não pode substituir a experiência social proporcionada pelo professor e que a dependência tecnológica excessiva compromete gravemente o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, exigindo uma reflexão ética sobre a docência como uma profissão intrinsecamente fundamentada em interações humanas.

Quadro 4: Análise de sentimento B.

Prompt 2: Realizando a análise de sentimento, você conseguiu classificar os textos em positivos, negativos e neutros. Quais sentimentos emergem em cada categoria? Corrobre sua afirmação com exemplos extraídos do texto (citação direta) e diga qual o nome do texto de onde veio as citações. Dê a sua resposta na forma de colunas: coluna 1 (positivo, negativo e neutro). Coluna 2: tipos de sentimento de cada tipo. Coluna 3: citações diretas. Coluna 4: título do texto de onde veio cada sentimento. Coluna 5: nome do arquivo de onde veio a resposta.

Resposta 2: Para aprofundar a sua pesquisa científica, analisei os sentimentos subjacentes às categorias. Note que o sentimento Positivo está atrelado ao otimismo tecnológico e à eficiência; o Negativo vincula-se ao medo da substituição e ao despreparo; e o Neutro foca no equilíbrio e na necessidade de regulamentação.

Abaixo, apresento a tabela detalhada conforme solicitado:

<i>Categoria</i>	<i>Sentimentos Emergentes</i>	<i>Citações Diretas (Exemplos)</i>	<i>Título do Texto</i>	<i>Nome do Arquivo</i>
<i>Positivo</i>	<i>Entusiasmo e Praticidade:</i>	<i>"Por meio do uso de IA, a</i>	<i>Práticas com o uso da IA em</i>	<i>TEXTO 20 - Práticas com o</i>

	<i>Foco na redução da sobrecarga e otimização do aprendizado.</i>	<i>sobrecarga operacional do professor se reduz, permitindo que ele foque em interações mais profundas com os estudantes."</i>	<i>sala de aula que potencializam o protagonismo do professor</i>	<i>uso da IA em sala de aula...</i>
<i>Positivo</i>	<i>Esperança de Inclusão: Crença na tecnologia como ferramenta de justiça social.</i>	<i>"a democratização da tecnologia, aliada à inteligência artificial, torna possível quebrar as barreiras nos ambientes reais, onde estão as pessoas que mais precisam de acessos."</i>	<i>Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais</i>	<i>TEXTO 10 - Democratização da IA no ensino público...</i>
<i>Negativo</i>	<i>Insegurança e Alerta: Preocupação</i>	<i>"O setor educacional está</i>	<i>UNESCO: setor educacional</i>	<i>TEXTO 07 - TRENDS - UNESCO_</i>

	<i>com a falta de ética e estrutura pedagógica.</i>	<i>despreparado para uma integração ética e pedagógica da inteligência artificial, que está em rápida evolução."</i>	<i>está despreparado para a IA</i>	<i>setor educacional está despreparado...</i>
<i>Negativo</i>	<i>Apreensão e Crítica: Medo da desumanização e perda de habilidades cognitivas.</i>	<i>"A ferramenta não demoraria a ser usada como cola e perda do pensamento crítico, dada a facilidade de acesso a respostas e lugares-comuns."</i>	<i>A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino</i>	<i>TEXTO 19 - A era do giz virtual_ a inteligência artificial começa...</i>
<i>Neutro</i>	<i>Cautela e Equilíbrio: Foco na coexistência necessária e no bom senso.</i>	<i>"As semelhanças incluem a dependência excessiva da tecnologia e o declínio das habilidades de</i>	<i>Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação</i>	<i>TEXTO 08 - O REGIONAL - Especialista aponta caminho para uso...</i>

		<i>pensamento crítico; as diferenças residem no fato de a IA ser um complemento, e não um substituto. "</i>		
<i>Neutro</i>	<i>Responsabilidade e Institucional: Foco em diretrizes políticas e treinamento global.</i>	<i>"A agência propõe uma resposta coordenada aos riscos imediatos e de longo prazo do uso da nova tecnologia nos sistemas educacionais. "</i>	<i>Unesco reúne ministros da educação para discutir uso do ChatGPT nas escolas</i>	<i>TEXTO 12 - ONU NEWS - Unesco reúne ministros da educação...</i>

Essa estrutura demonstra que a cobertura midiática do seu corpus alterna entre a visão da IA como uma ferramenta de suporte/emancipação (Positivo) e um risco à integridade do ensino (Negativo), com os textos neutros servindo de ponte para a regulamentação necessária.

Fonte: Gemini AI, 2026.

Apesar de o *gráfico 1* mostrar uma predominância de textos com sentimentos positivos, podemos, junto com a análise do *quadro 5*, voltar os olhares para a outra metade do gráfico. Chegamos à conclusão de que 50% das matérias adotam uma abordagem neutra ou negativa, entretanto, notamos que o conteúdo dessa parcela do *corpus*, na verdade não se refere

exatamente à integração da inteligência artificial no setor educacional como algo definitivamente ruim. Vejo muito mais como um alerta às necessidades que tal integração apresenta e os riscos que o seu uso puramente facilitador e robotizado sem rigor crítico pode vir a causar. Me recordo de uma passagem em sala de aula na qual discutimos sobre o fogo na era da pedra, onde percebíamos que aquela *tecnologia* da época podia ser extremamente útil à sociedade como aquecer em tempos frios e iluminar no cair da noite. Mas ainda estava por vir a pior parte, o descontrole e a disseminação do fogo que pouco se sabia a respeito. O fogo então queimou tendas, arruinou plantações, espantou os animais que serviam de caça e matou parte das pessoas. Assim vejo a IA, e, o delineado das matérias corroboram com isso.

Estamos diante de uma ferramenta tão poderosa quanto o fogo à aquela época. Dessa forma é preciso não só apresentar suas benfeitorias, mas sim analisar o seu potencial risco afim de mitigar os possíveis problemas sociais oriundos dessa nova tecnologia digital. O título do *TEXTO 05* se enquadra perfeitamente como síntese dessa análise, “Ensino começa a integrar inteligência artificial no Brasil; especialistas veem oportunidade, mas com riscos”. Pois, os riscos não devem servir como repressão dessa integração, mas sim como parâmetros para a normatização do uso da IA de forma consciente no ambiente educacional.

4.2.1 Discussão com base nos autores do referencial teórico

Os resultados da análise de sentimento do corpus, que apontam para uma predominância de textos com enquadramento positivo, sendo estes um total de dez textos, seguido de seis neutros e quatro negativos, não constituem um dado isolado ou meramente quantitativo. Ao contrário, eles se articulam de forma coerente e profunda com as premissas teóricas que fundamentam esta investigação. A distribuição verificada é em sua essência uma expressão empírica do funcionamento da Teoria das Representações Sociais no interior do campo midiático. Conforme enuncia Moscovici (2007, p. 54), a finalidade primária de toda representação social é tornar familiar o que é estranho ou ameaçador.

Esse princípio explica com precisão a tendência majoritária do corpus a relacionar a Inteligência Artificial ao polo semântico do progresso e da eficiência pedagógica. A mídia opera estruturalmente como um agente de familiarização do desconhecido para o seu público, atuando como um grupo especializado que é diretamente responsável pela estruturação dos sistemas de comunicação que visam difundir e propagar essas representações na coletividade (Alexandre, 2001, p. 123).

A dimensão de atitude identificada teoricamente como um dos elementos constitutivos da representação social ao lado da informação e do campo de representação (SA, 1998, p. 69) manifesta-se de forma direta nos resultados quantitativos obtidos. Ao constatar que a maioria dos textos expressa otimismo tecnológico identificamos o posicionamento atitudinal favorável que o campo midiático majoritariamente adota diante da integração da Inteligência Artificial à educação. Esse posicionamento não é acidental nem neutro pois conforme esclarece Moscovici (2003, p. 314) a atitude não expressa o conhecimento em si mas estabelece uma relação de certeza ou incerteza de crença ou descrença do grupo em relação ao objeto representado. A predominância do sentimento positivo no corpus revela, portanto, a direção atitudinal que os veículos jornalísticos imprimem ao público atuando como uma preparação para a ação que guia o comportamento e o julgamento da sociedade frente a inserção da tecnologia nas escolas (Moscovici, 2007, p. 47).

A dimensão de atitude identificada teoricamente como um dos elementos constitutivos da representação social ao lado da informação e do campo de representação (SA, 1998, p. 69) manifesta-se de forma direta nos resultados quantitativos obtidos. Ao constatar que a maioria dos textos expressa otimismo tecnológico identificamos o posicionamento atitudinal favorável que o campo midiático majoritariamente adota diante da integração da Inteligência Artificial à educação. Esse posicionamento não é acidental nem neutro pois conforme esclarece Moscovici (2007, p. 314) a atitude não expressa o conhecimento em si, mas estabelece uma relação de certeza ou incerteza de crença ou descrença do grupo em relação ao objeto representado. A predominância do sentimento positivo no corpus revela, portanto, a direção atitudinal que os veículos jornalísticos imprimem ao público atuando com a finalidade prática de orientar os comportamentos e os julgamentos da sociedade em situações sociais concretas frente a inserção da tecnologia nas escolas (SA, 1998, p. 68).

A análise dos sentimentos emergentes nas categorias positiva e negativa do corpus é particularmente reveladora quando confrontada com a perspectiva crítica de Guareschi (2000, p. 45) para quem a ideologia opera como uma prática baseada em formas simbólicas que produzem reproduzem e transformam subjetividades. Os textos de sentimento positivo ao enfatizarem reiteradamente a personalização do ensino a otimização do trabalho docente e as oportunidades de mercado não apenas descrevem a Inteligência Artificial eles a constroem simbolicamente como uma solução natural e inevitável. Essa construção simbólica corrobora a hipótese de que as representações midiáticas operam estrategicamente revelando as relações entre as estratégias da ideologia e os significados das palavras onde determinados interesses e valores tentam transformar-se em representações sociais e consolidar-se como parte da cultura

(Moscovici, 1988 *apud* Guareschi, 2000, p. 44). Ao selecionar como pauta dominante os benefícios da Inteligência Artificial e ao silenciar suas vulnerabilidades estruturais os veículos privados de grande circulação exercem o poder de pautar o imaginário coletivo e influenciar diretamente as políticas pedagógicas tal como assinalado por Roso e Guareschi (2007, p. 41).

Por outro lado, os quatro textos classificados com sentimento negativo revelam uma tensão que a teoria das representações sociais antecipa como estrutural. Esses textos veiculam alertas centrais como o despreparo das instituições educacionais, os riscos de substituição humana e a perda de habilidades cognitivas. Conforme adverte Figueiredo (2024, p. 11) a ausência de intervenção pedagógica urgente por parte da escola no processo de integração da Inteligência Artificial pode resultar na criação de uma geração de pessoas estúpidas numa era de máquinas inteligentes.

Figueiredo (2024, p. 10) ao tratar da cognição delegada evidencia que a transferência de tarefas e a poupança de esforço intelectual para a máquina quando não mediada criticamente conduz ao desincentivo do exercício intelectual e a prazo ao declínio de capacidades cognitivas. Nesse sentido os textos negativos do corpus não representam simplesmente resistência tecnofóbica mas expressam uma preocupação epistemologicamente fundamentada sobre os limites e os riscos da integração irrefletida da tecnologia ao ambiente escolar. Dessa forma, os textos não têm o papel de depreciar a IA e a sua integração à educação, mas sim de voltar para os possíveis riscos afim de promover estrategicamente tal interação.

Os seis textos classificados como neutros desempenham no interior do corpus uma função teórica precisa que também pode ser articulada ao referencial. Ao proporem o equilíbrio entre o uso da tecnologia e a manutenção do pensamento crítico ou ao relatarem discussões institucionais sobre regulação esses textos operam como um espaço de negociação simbólica. Esse espaço corresponde ao que Moscovici (2007, p. 48) descreve como o trabalho da representação de reconstituir o senso comum permitindo ao grupo dar sentido a um objeto novo e ainda não estabilizado. A neutralidade desses textos indica que o processo de familiarização da Inteligência Artificial ainda está em curso no campo midiático pois o objeto ainda não foi plenamente integrado e nem radicalmente recusado, encontrando-se em um estado de equilíbrio tenso entre a integração e a cautela.

De acordo com Alexandre (2001, p. 111), é pertinente observar nesse ponto que a inclusão de textos da Unesco confere ao corpus uma dimensão normativa global na qual a representação da tecnologia é enquadrada a partir de parâmetros de direitos humanos e de política educacional internacional reforçando o papel da comunicação de massa como ambiente de tradução do conhecimento especializado em saber do senso comum.

A dinâmica entre os três sentimentos identificada no corpus também ilumina o debate sobre a natureza ideológica da prática jornalística. Conforme argumenta Guareschi (2006, p. 33), a afirmação de objetividade e neutralidade por parte do jornalismo se apresenta frequentemente como uma estratégia ilusória pois a mídia a utiliza como uma arma para iludir leitores e assinantes sendo toda matéria em sua essência uma exposição das crenças e ideologias do veículo que a pública. Ao confrontarmos os dados da análise de sentimento com a caracterização das editoras do *corpus* sendo majoritariamente veículos privados de grande circulação nacional sediados nas regiões mais populosas do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro (Brasil, 2025), e orientados por lógicas de mercado, se confirma que a representação predominantemente positiva da Inteligência Artificial no corpus não é o reflexo neutro de uma realidade técnica, mas sim uma construção simbólica atravessada por interesses econômicos.

Essa constatação encontra respaldo teórico no fato de que o discurso ideológico trabalha exatamente no sentido de produzir reproduzir e transformar subjetividades (Guareschi, 2000, p. 45) onde os meios de comunicação de massa operam como instrumentos fundamentais na fabricação reprodução e disseminação das representações sociais moldando o imaginário coletivo e influenciando diretamente as práticas e políticas pedagógicas (Alexandre, 2001, p. 116).

É fundamental registrar, ainda, que o sentimento de cenário otimista que permeia metade do corpus articula-se diretamente com o que Trivinho (2005) denomina de *dromocracia cibercultural*, um regime de velocidade tecnológica no qual a rapidez da informação precede a profundidade da reflexão ética. A predominância do enquadramento positivo nos textos não deve ser interpretada como um consenso refletido da sociedade sobre os benefícios da IA. Ela representa um efeito estrutural do modo de produção jornalístico contemporâneo, que tende a simplificar a complexidade do fenômeno, oscilando entre o entusiasmo utópico e o alarmismo distópico sem aprofundar as dimensões éticas, sociais e científicas do processo educativo. Nesse sentido, os resultados da análise de sentimento não apenas descrevem o corpus, eles constituem, em si mesmo, uma evidência empírica do processo de representação social da IA em curso no campo midiático brasileiro, cuja compreensão plena exige o aprofundamento analítico que os itens subsequentes se propõem a realizar.

4.3 Análise clássica das representações sociais mediada por IA

Relembrando a discussão que levantamos sobre o potencial risco de erros na resposta da Inteligência Artificial após uma inserção massiva de respostas erradas, não pela repetição,

mas sim pela sua totalidade no sistema após uma série de inferências. Apontamos que este “erro” se dá pela grande probabilidade de que a resposta mais comumente atribuída à pergunta em questão, seria aquela incorreta. Em termos computacionais e matemáticos no que se refere ao processo executado pelo sistema, a resposta está de acordo. Porém, conceitualmente, a resposta está equivocada e somente poderá ser distinguida mediante análise crítica humana.

De mesmo modo, tal fato pode ocorrer no que se refere a inferências conceituais e literárias. A subjetividade e unicidade de determinadas perguntas, excepcionalmente em um cenário investigativo, pode corroborar para que a IA passe a considerar e associar uma resposta proposta em um primeiro momento e passar a toma-la como verdadeira e principal resposta. Dessa forma se faz necessário a divisão da análise em conversas diferentes, para evitar que o contexto de uma pergunta venha a influenciar na outra.

Daí damos início a seção de análises mediadas pela IA (*quadro 6*):

Quadro 5: Análise conforme Sá (1998).

Prompt 3: Você é um pesquisador em Psicologia Social, especialista na Teoria das Representações Sociais (TRS). Sua tarefa é analisar o corpus de 20 textos em anexo para verificar a existência de uma Representação Social (RS) sobre a relação entre Inteligência Artificial e Educação.

Seguindo as orientações de Celso Pereira de Sá, nem todo objeto de investigação constitui uma RS. Para validar se a IA na educação é, de fato, um objeto de representação no corpus, sua análise deve se basear estritamente na presença de:

1. Relevância Social: O objeto é amplamente debatido e considerado importante para o grupo social?
2. Espessura Multidimensional: Existem diferentes opiniões, crenças e valores (conflitantes ou não) sobre ele?
3. Prática Social: O conhecimento sobre IA na educação orienta comunicações ou comportamentos cotidianos?

Restrições da Análise:

- Não analise ou mencione os processos de objetivação e ancoragem neste momento.

- Sua conclusão sobre a existência ou não da RS deve ser fundamentada exclusivamente em evidências do corpus.
- É obrigatório o uso de citações diretas (entre aspas) para corroborar cada afirmação.
- Formatação de citação: (Autor, data, página) ou (Título do Texto, Nome do Arquivo).
- Linguagem: Formal, padrão, evitando adjetivos exagerados e utilizando o termo "redução" em vez de "diminuição".

Responda: Existe uma representação social emergente ou consolidada sobre IA e Educação neste corpus? Justifique com base nos critérios de Sá e nas evidências dos textos.

Resposta 3: *Com base no corpus de textos analisado e nos critérios de Celso Pereira de Sá, conclui-se que existe uma Representação Social (RS) consolidada sobre a relação entre Inteligência Artificial (IA) e Educação. A análise fundamenta-se nas evidências apresentadas a seguir:*

1. Relevância Social

O objeto é amplamente debatido e considerado central para o grupo social, transcendendo o ambiente acadêmico e alcançando a esfera das políticas públicas e do cotidiano escolar.

- *Centralidade do debate: A IA é vista como uma força transformadora e inevitável. "O uso da IA na educação é irreversível, muito embora no setor educacional brasileiro ainda esteja em fase de expansão".*
- *Importância para o futuro: O domínio dessas ferramentas é percebido como essencial para a inclusão produtiva. "Pesquisa inédita revela que 82% dos internautas brasileiros já enxerga o conhecimento em IA como chave para destrancar oportunidades profissionais".*

- *Políticas governamentais: A relevância é ratificada pela institucionalização do tema. "O estado se tornou 1º do país a incluir ensino de inteligência artificial na rede pública".*

2. Espessura Multidimensional

O corpus revela uma rede complexa de opiniões, crenças e valores, caracterizando a "espessura" necessária para um objeto de representação.

- *Atitudes positivas e otimismo pedagógico: A tecnologia é frequentemente associada à democratização e personalização. "A democratização da tecnologia, aliada à inteligência artificial, torna possível quebrar as barreiras nos ambientes reais".*
- *Temores e riscos (redução do pensamento crítico): Existe um receio compartilhado sobre os efeitos negativos na cognição. "A ferramenta não demoraria a ser usada como cola e perda do pensamento crítico".*
- *Debate sobre a substituição humana: Há um forte posicionamento ético e social sobre a figura do professor. "A Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores".*

3. Prática Social

O conhecimento sobre a IA na educação já orienta comunicações, comportamentos e tomadas de decisão concretas, deixando de ser um conceito abstrato para se tornar guia de ação.

- *Orientação da conduta docente: Professores utilizam a IA para reestruturar suas rotinas. "A ferramenta auxilia na elaboração de rascunhos, na revisão ortográfica, na sugestão de vocabulário e na reestruturação do texto".*
- *Comportamento discente: Os alunos já incorporaram a tecnologia em seus hábitos de estudo. "Anderson completa as atividades, o sistema identifica, via algoritmos, o quanto ele entendeu de cada matéria - e indica quais aulas deve assistir".*

- *Transformação institucional: Escolas e redes de ensino estão ativamente alterando seus currículos e métodos em função desse saber. "Novas ferramentas envolvendo IA desplugada pretendem aprimorar as dinâmicas de aprendizado nas escolas públicas".*

Portanto, a IA na Educação cumpre rigorosamente os requisitos de Sá, pois é um fenômeno socialmente relevante, que carrega múltiplas dimensões de significados (muitas vezes conflitantes) e que dita a redução de barreiras e a reorganização das práticas pedagógicas contemporâneas.

Fonte: Gemini AI, 2026.

Analisando a resposta fornecida pelo *Gemini AI* no *prompt 3 (quadro 6)*, no que se diz respeito à relevância social a análise identificou que o objeto ultrapassa o debate acadêmico e já alcança as políticas públicas. Como exemplo o ensino de Inteligência Artificial tornou se disciplina obrigatória no Piauí (TEXTO 15) e dados recentes atestam a centralidade do tema na vida social contemporânea ao revelar que 80% dos internautas brasileiros associam o domínio da ferramenta ao aumento de oportunidades profissionais enquanto 82% demonstram interesse em aprender novas tecnologias (TEXTO 16).

Quanto à espessura multidimensional o corpus sustenta opiniões conflitantes. A mesma tecnologia é representada como vetor de democratização do ensino (TEXTO 10) e simultaneamente como ameaça ao pensamento crítico e à integridade acadêmica revelando que o objeto ainda provoca tensões não resolvidas no grupo social (TEXTO 08).

No que se refere à prática social a análise apontou que o saber sobre a Inteligência Artificial já orienta condutas em três níveis distintos o professor que a incorpora ao planejamento e à avaliação (TEXTO 01) o aluno que a utiliza como auxílio ao estudo com aval institucional (TEXTO 05) e a rede de ensino que reforma seu currículo e contrata plataformas em função dela (TEXTO 14). Com base nesses três critérios a análise conclui pela existência de uma representação social consolidada e não apenas emergente sobre a Inteligência Artificial na educação nas matérias analisadas e assim seguimos para a inferência sucedente (*quadro 7*).

Quadro 6: Análise do processo de objetivação.

Prompt 4: Com base na confirmação da existência da Representação Social (RS) no corpus, descreva agora o processo de objetivação da IA na educação. A objetivação é a operação que dá corpo ao esquema conceitual, transformando o abstrato em algo concreto.

Sua análise deve, obrigatoriamente, identificar e ilustrar com trechos dos 20 textos as seguintes fases:

1. Seleção e Descontextualização: Quais elementos da IA foram destacados e dissociados do seu campo científico original para serem apropriados pelo senso comum?
2. Formação do Núcleo Figurativo: Existe uma imagem central, metáfora ou esquema gráfico que sintetiza a IA na educação nesses textos?
3. Naturalização: Como esses elementos selecionados passaram a ser tratados como realidades óbvias e concretas no cotidiano escolar?

Critérios de Rigor:

- Utilize citações diretas (entre aspas) para corroborar cada uma das três fases.
- Formatação da citação: (Autor, data, página) ou (Título do Texto, Nome do Arquivo).
- Tente contemplar a diversidade dos 20 textos para demonstrar a saturação dos dados.
- Mantenha o padrão linguístico formal, evite adjetivação hiperbólica e use "redução" em vez de "diminuição".

Resposta 4: Com base na confirmação da existência de uma Representação Social (RS) sobre a Inteligência Artificial (IA) na Educação, procedo à análise do processo de objetivação. Segundo Celso Pereira de Sá, a objetivação torna real um esquema conceitual, materializando o abstrato em imagens e conceitos familiares.

Abaixo, descrevo as três fases observadas no corpus:

1. *Seleção e Descontextualização*

Nesta fase, o grupo social seleciona informações do campo científico e as separa de seu contexto técnico original, retendo apenas o que é funcional para a compreensão leiga. Elementos complexos da ciência da computação são simplificados em funções pedagógicas diretas.

- *Evidências: O corpus retém a capacidade de processamento como "correção" e "ensino", ignorando a complexidade estatística por trás do modelo.*
 - *"O atual nível de desenvolvimento da inteligência artificial oferece ferramentas que já estão mudando as rotinas escolares. A tecnologia vem chegando através de plataformas contratadas" (TEXTO 01 - O GLOBO - Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação.pdf).*
 - *"A IA é vista como uma solução prática: o professor tira uma foto do exercício respondido do aluno e envia para o sistema do aplicativo. A partir disso, a IA detecta e transcreve as equações" (TEXTO 10 - Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais - Folha PE.pdf).*

2. Formação do Núcleo Figurativo

O núcleo figurativo é a imagem central que sintetiza a representação. No corpus, a IA na educação é figurativizada através da metáfora do "Tutor de Bolso" ou do "Companheiro de Aprendizagem", imagens que traduzem um sistema algorítmico em uma entidade relacional e acessível.

- *Evidências: A imagem de um assistente pessoal onipresente organiza o pensamento sobre a tecnologia.*
 - *"Modelos de linguagem avançados fornecem explicações e tutoria instantânea, sendo chamados de 'tutor de bolso'" (TEXTO 08 - O REGIONAL - Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação - Notícias.pdf).*

- *"Do ponto de vista pedagógico, diz o especialista, tem que ser explorada como um 'companheiro de aprendizagem'" (TEXTO 01 - O GLOBO - Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação.pdf).*
- *Surgem também figuras de modernização física: "A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino" (TEXTO 19 - A era do giz virtual_ a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino _ VEJA.pdf).*

3. Naturalização

Nesta etapa, os elementos selecionados e transformados em imagem perdem seu caráter tecnológico "estranho" e passam a ser tratados como componentes naturais e óbvios da realidade escolar. A IA deixa de ser uma teoria e torna-se um objeto do mundo físico.

- *Evidências: A tecnologia é tratada como um membro da sala de aula ou um recurso obrigatório, tão concreto quanto um livro ou o próprio docente.*
- *"Inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí" (TEXTO 15 - FOLHA DE SÃO PAULO - IA virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí - 30_11_2025 - Educação - Folha.pdf).*
- *"O uso da IA na educação é irreversível, muito embora no setor educacional brasileiro ainda esteja em fase de expansão" (TEXTO 07 - TRENDS - UNESCO_ setor educacional está despreparado para a IA - TrendsCE.pdf).*
- *A naturalização é tamanha que a IA passa a ocupar o espaço físico e temporal do estudo: "Júlia fica conectada em um software que, por meio de inteligência artificial, identifica suas principais dificuldades" (TEXTO 09 - FOLHA DE SÃO PAULO - Inteligência artificial individualiza ensino e ajuda professores - 30_05_2018 - Mercado - Folha.pdf).*

A análise demonstra que o processo de objetivação no corpus permitiu a redução da complexidade tecnológica para uma imagem funcional e cotidiana, consolidando a IA como um objeto socialmente palpável no campo educacional.

Fonte: Gemini AI, 2026.

Aqui (*quadro 7*) podemos dizer que estamos dando início à análise das representações midiáticas. Pois é onde podemos perceber que a análise busca a filtrar e identificar qual processo está sendo traçado pelo discurso midiático para sintetizar a definição da IA e transformar informações com certa complexidade em conhecimentos de senso comum capazes de serem internalizados mesmo por leigos.

Na seleção e descontextualização a o *Gemini AI* identificou que o corpus retira a Inteligência Artificial do seu campo científico e retém apenas suas funções pedagógicas visíveis como corrigir redações, explicar exercícios de matemática e ensinar programação (TEXTO 01), funções características da classe docente. Toda a cadeia de processamento que sustenta essas operações como as redes neurais artificiais compostas por neurônios artificiais organizados em camadas e interligados por pesos sinápticos ajustados iterativamente por algoritmos de correção de erro (FLECK et al., 2016, p. 48 a 50), o aprendizado por experiência acumulada que Mitchell (1997) define como a melhoria de desempenho em tarefas a partir de dados e a geração de texto como cálculo de probabilidade condicional sobre sequências de tokens descrita por Sutskever Vinyals e Le (2014), é completamente suprimida e rotulada, ou conforme Jodelet (1993, p. 17), ancorada.

O núcleo figurativo formado a partir dessa seleção é a figura do tutor de bolso (TEXTO 08) e do companheiro de aprendizagem metáforas que convertem um sistema probabilístico e estatístico em uma entidade relacional dotada de presença cuidado e disponibilidade atributos que não pertencem à sua natureza computacional real e que Figueiredo (2024) contesta diretamente ao afirmar que esses sistemas são incapazes de compreender semanticamente as palavras que manipulam.

Já a naturalização é atestada pelo tratamento da Inteligência Artificial como componente já estabelecido do cotidiano escolar perceptível em relatos de alunos que vivem conectados a softwares de acompanhamento individualizado (TEXTO 09) na cunhagem da expressão era do giz virtual (TEXTO 19) e na qualificação da integração como irreversível. Esses achados

indicam que o processo de objetivação no corpus se completou consolidando a Inteligência Artificial como objeto socialmente palpável e não mais como conceito em disputa ao preço de apagar integralmente o debate técnico e científico que o referencial teórico desta pesquisa se dedicou a construir. Adiante discutiremos sobre essa rotulação, que no que se refere a RS, é a ancoragem (ver *quadro 8*)

Quadro 7: Análise do processo de ancoragem.

Prompt 5: Com base na Representação Social (RS) de IA na educação identificada no corpus, descreva agora o seu processo de ancoragem. A ancoragem é o processo que integra o objeto estranho (IA) em um sistema de categorias familiar, tornando-o interpretável e útil para o grupo.

Sua análise deve, obrigatoriamente, identificar e ilustrar com trechos dos 20 textos as seguintes dimensões:

1. Atribuição de Sentido/Classificação: Como a IA está sendo classificada dentro do sistema educacional? Ela é ancorada em categorias pré-existentes como "ferramenta didática", "ameaça ao trabalho docente" ou "inovação pedagógica"?
2. Instrumentalização do Saber: Como essa representação é utilizada pelos sujeitos para orientar suas práticas e julgamentos? Quais condutas ou atitudes (resistência, aceitação, regulação) os textos indicam que derivam dessa ancoragem?
3. Enraizamento Social: De que forma a representação da IA se conecta com valores e ideologias já consolidados no campo da educação?

Critérios de Rigor:

- Utilize citações diretas (entre aspas) para corroborar cada dimensão.
- Formatação da citação: (Autor, data, página) ou (Título do Texto, Nome do Arquivo). Lembre-se: primeira letra maiúscula e as demais minúsculas, como em (Jodelet, 2001).
- Tente contemplar a diversidade dos 20 textos para demonstrar a saturação.

- Mantenha o padrão linguístico formal, evite adjetivos exagerados e use "redução" em vez de "diminuição".
- Não use travessões na redação.

Resposta 5: Concluindo a análise psicossocial do corpus sob a ótica de Celso Pereira de Sá, descrevo o processo de ancoragem da Inteligência Artificial (IA) na educação. A ancoragem permite a integração cognitiva do objeto "estranho" ao sistema de pensamento pré-existente do grupo, tornando o saber científico sobre algoritmos em um saber social funcional.

1. Atribuição de Sentido e Classificação

A IA é classificada predominantemente através de categorias familiares ao universo escolar, sendo ancorada ora como uma "ferramenta de apoio", ora como um "agente de risco" à integridade do processo de ensino.

- *Como Ferramenta Didática: A tecnologia é inserida na categoria de recursos para otimização do tempo. "A Inteligência Artificial pode ser utilizada como auxílio para o docente, tanto na organização de planos estratégicos, quanto na sugestão de práticas" (Práticas com o uso da IA em sala de aula que potencializam o protagonismo do professor, Papo de Primeira - Folha PE).*
- *Como Inovação Pedagógica: Classifica-se a IA como a evolução natural do material escolar. "O domínio de ferramentas de inteligência artificial deixou de ter como objetivo apenas o uso para entretenimento ou pesquisas" (Brasileiros acreditam que aprender sobre IA amplia chances no trabalho, Veja).*
- *Como Ameaça Ética: Ocorre a classificação da ferramenta no campo da desonestidade acadêmica. "A ferramenta não demoraria a ser usada como cola e perda do pensamento crítico, dada a facilidade de acesso a respostas e lugares-comuns" (A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino, Veja).*

2. Instrumentalização do Saber

A ancoragem da IA em categorias conhecidas orienta condutas específicas, que variam entre a aceitação estratégica e a regulação protetiva por parte dos sujeitos.

- *Aceitação e Adaptação: O conhecimento ancorado como "inevitável" gera atitudes de integração prática. "O aluno sabe que precisa de uma contextualização para resolver o problema, senão a IA não vai entender o objetivo final" (O GLOBO - Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação).*
- *Resistência e Regulação: A ancoragem no risco de desumanização orienta a defesa da profissão. "A agência reafirma a necessidade de investir em professores, incluindo os 44 milhões de educadores que o mundo irá precisar até 2030" (Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores, ONU News).*
- *Prática de Monitoramento: A representação instrumentaliza o professor para atuar como mediador. "Os mestres usam, tanto para montar trabalho e programas quanto para lidar com as avaliações, mas a estudantada também recebeu o aval, desde que deixem claro em que pontos emprestaram ideias dos robôs" (A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino, Veja).*

3. Enraizamento Social

A representação da IA se conecta com valores consolidados, como a busca pela equidade e o medo da tecnocracia, enraizando-se em ideologias educacionais históricas.

- *Ideologia da Democratização: A IA é ancorada no valor da justiça social. "A democratização da tecnologia, aliada à inteligência artificial, torna possível quebrar as barreiras nos ambientes reais, onde estão as pessoas que mais precisam de acessos" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Folha PE).*

- *Valor do Humanismo: A ancoragem reafirma a centralidade do humano frente ao digital. "A parte de competências emocionais ainda é uma área inexplorada (...). O professor do futuro é, sobretudo, um eterno aprendiz" (Formação Docente na Era da IA, Appai).*
- *Redução de Desigualdades: Ocorre um enraizamento na promessa de eficiência para o desenvolvimento nacional. "A corrida pela qualificação em inteligência artificial precisa ser incentivada (...). Os dados podem dar uma pista importante para quem faz políticas públicas" (Brasileiros acreditam que aprender sobre IA amplia chances no trabalho, Veja).*

A ancoragem observada neste corpus cumpre a função de familiarizar o fenômeno tecnológico, permitindo que a comunidade escolar gerencie a presença da IA através de marcos regulatórios, mudanças curriculares e a redução de resistências iniciais em favor de um uso tecnicamente orientado.

Fonte: Gemini AI, 2026.

No que tange à atribuição de sentido e classificação a análise empírica revelou que a Inteligência Artificial é ancorada em três categorias distintas no corpus. A primeira categoria a define como ferramenta didática voltada à otimização do trabalho docente (TEXTO 01). A segunda a percebe como inovação pedagógica representando a evolução natural do material escolar (TEXTO 19). A terceira a classifica como ameaça ética associada ao risco de desonestidade acadêmica e à perda do pensamento crítico (TEXTO 17). A coexistência dessas três visões comprova que o grupo social ainda não estabilizou o objeto em uma categoria única refletindo um campo representacional em disputa.

Quanto à instrumentalização do saber o conhecimento ancorado gera três condutas práticas observáveis no cotidiano escolar. A primeira atitude é a aceitação e adaptação por parte de quem incorpora a tecnologia ao planejamento e à avaliação reconhecendo que os comandos precisam ser rigorosamente contextualizados (Figueiredo, 2024, p. 12). A segunda postura envolve a resistência e regulação amparada na defesa da centralidade humana e na demanda urgente por 44 milhões de docentes até o ano de 2030 (TEXTO 13). A terceira conduta compreende a prática de monitoramento que autoriza o uso da tecnologia desde que o aluno declare expressamente os pontos em que recorreu à máquina (TEXTO 19).

Finalmente no nível do enraizamento social a pesquisa demonstrou que a representação se conecta organicamente a três valores consolidados no campo educacional. Esses valores englobam a ideologia da democratização do ensino (TEXTO 10) o humanismo docente visto como insubstituível (TEXTO 20) e a promessa de redução de desigualdades visando ao desenvolvimento nacional (TEXTO 10).

A partir dessa análise, é possível constatar que, de modo geral, a mídia, mesmo ocultando questões técnicas e científicas importantes a respeito da Inteligência Artificial, apresenta reflexões valiosas acerca da sua integração ao ambiente escolar. O corpus demonstra que o discurso jornalístico atua na orientação das condutas práticas ao pontuar constantemente que o uso da tecnologia não deve ocorrer de maneira passiva, mas sim de forma crítica, ética e estratégica. Essa perspectiva evidencia que a adoção da ferramenta exige intencionalidade pedagógica e mediação humana, reforçando que a verdadeira inovação reside na capacidade do professor e do aluno de questionarem os limites e as finalidades da máquina no processo educativo (TEXTO 06, TEXTO 15, TEXTO 20).

Quadro 8: Análise do estatuto epistemológico.

Prompt 6: Estatuto Epistemológico (Verdade e Realidade)

Prompt: Com base no corpus de 20 textos, analise o estatuto epistemológico da representação social da IA na educação. Sua análise deve focar em duas dimensões fundamentais:

1. Valor de Verdade: Como esse saber é validado pelo grupo social nos textos? Identifique se a "verdade" sobre a IA decorre da autoridade técnica/científica, do consenso coletivo ou da utilidade prática no cotidiano escolar.
2. Valor de Realidade: De que maneira a IA deixa de ser um algoritmo abstrato e passa a ser tratada como uma entidade concreta, um "ator" ou uma ferramenta viva que interfere na realidade educativa?

Critérios de Execução e Rigor:

- Densidade de Evidências: Utilize o máximo possível de citações diretas ou exemplos extraídos dos 20 textos para fundamentar cada afirmação.
- Citações: Use obrigatoriamente aspas para trechos diretos.

- **Formatação de Citação:** Após cada citação, indique entre parênteses (Título do Texto, Nome do Documento). Use a primeira letra maiúscula e as demais minúsculas, por exemplo: (Autor, data, página) ou (Nome do texto, Arquivo).

Estilo: Texto formal, sem adjetivação hiperbólica e sem uso de travessões. Use o termo "redução" em vez de "diminuição".

Resposta 6: A análise do estatuto epistemológico da Representação Social (RS) da Inteligência Artificial (IA) na educação, com base no corpus de 20 textos, revela como o conhecimento sobre esta tecnologia é processado e validado pelo senso comum. Segundo a perspectiva de Denise Jodelet e Celso Pereira de Sá, o estatuto epistemológico define a natureza deste saber, distinguindo-o do conhecimento científico puro através de duas dimensões centrais.

1. Valor de Verdade

O valor de verdade refere-se aos critérios de validação que tornam o saber sobre a IA aceitável e "verdadeiro" para o grupo social. No corpus, a verdade não reside apenas na demonstração técnica, mas em três pilares principais:

A Validação pela Utilidade Prática:

A eficácia da IA é medida pela sua capacidade de resolver problemas imediatos do cotidiano escolar, como a sobrecarga docente. "A ferramenta auxilia na elaboração de rascunhos, na revisão ortográfica, na sugestão de vocabulário e na reestruturação do texto" (Práticas com o uso da IA em sala de aula que potencializam o protagonismo do professor, Texto 20). Esta verdade pragmática valida a tecnologia como essencial: "O APA impactou positivamente mais de 8 mil escolas de ensino fundamental, reduzindo o tempo entre avaliação e intervenção em sala de aula" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Texto 10).

A Validação pela Autoridade Institucional:

A verdade sobre a IA é reforçada por organismos internacionais e governamentais, que conferem legitimidade ao seu uso. "A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceu o estado do Piauí como o primeiro território do continente americano a implementar o ensino de inteligência artificial na educação básica" (Ensino começa a integrar inteligência artificial no Brasil; especialistas veem oportunidade, mas com riscos, Texto 05).

A Validação pelo Consenso de Inevitabilidade:

Existe uma verdade partilhada de que a tecnologia é um caminho sem retorno. "O uso da inteligência artificial no setor educacional brasileiro está em transição, saindo da fase de novidade para um entendimento mais profundo e responsável" (UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA, Texto 07).

2. Valor de Realidade

O valor de realidade descreve o processo pelo qual a IA é objetivada, deixando de ser um código matemático invisível para se tornar uma entidade concreta e operante no mundo físico e social.

A IA como Ator e Sujeito de Ação:

Os textos conferem à IA características de autonomia, tratando-a como um sujeito que "ajuda", "ensina" ou "corrige". "Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação" (Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação, Texto 01). Nesta representação, a máquina assume um papel ativo na interação humana: "À medida que Anderson completa as atividades, o sistema identifica, via algoritmos, o quanto ele entendeu de cada matéria" (Como a Inteligência Artificial já está mudando salas de aula no Brasil e no mundo, Texto 11).

Materialização em Ferramentas Físicas:

A IA ganha realidade ao ser associada a objetos e rotinas palpáveis. "A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino" (A era do giz virtual: a inteligência artificial começa a entrar no cotidiano do ensino, Texto 19). Ela é concretizada na figura do "tutor de bolso", uma metáfora que dá corpo físico à tecnologia (Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação, Texto 08).

A Realidade Institucionalizada:

A IA torna-se real ao ocupar o tempo e o espaço oficial das escolas através de currículos obrigatórios. "Como a inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí" (Como a inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí, Texto 15). A tecnologia deixa de ser uma promessa abstrata para ser um "software que identifica dificuldades e sugere planos de estudo" no cotidiano dos estudantes (Inteligência artificial individualiza ensino e ajuda professores, Texto 09).

Conclui-se que o estatuto epistemológico da IA neste corpus é definido por uma redução da sua abstração algorítmica em favor de uma presença concreta, cuja verdade é sustentada pela funcionalidade pedagógica e pelo reconhecimento institucional.

Fonte: Gemini AI, 2026.

No valor de verdade (*quadro 9*), a ferramenta apontou que o saber sobre a Inteligência Artificial no corpus é validado por três pilares que não são de ordem técnica ou científica. O primeiro é a utilidade prática, onde a tecnologia se prova verdadeira pelo seu resultado imediato, como a redução do tempo entre avaliação e intervenção em mais de oito mil escolas (TEXTO 10) ou o auxílio na elaboração de rascunhos e revisão de textos (TEXTO 20). O segundo é a autoridade institucional, em que a legitimidade da Unesco, ao reconhecer o Piauí como pioneiro nas Américas, confere ao saber sobre a Inteligência Artificial um selo de validade que dispensa a demonstração científica (TEXTO 05, TEXTO 15). O terceiro é o consenso de inevitabilidade,

quando a verdade é reforçada pelo argumento de que a integração já está em curso e é irreversível (TEXTO 07), neutralizando o questionamento e a recusa da adoção.

No valor de realidade, a análise identificou que a Inteligência Artificial conquistou existência concreta no corpus por três vias. A primeira é o uso de verbos de ação autônoma, como corrigir, ensinar e identificar (TEXTO 01), que a tratam como sujeito ativo. A segunda é a associação a objetos e rotinas físicas palpáveis, como softwares de acompanhamento (TEXTO 09) e a imagem do giz virtual (TEXTO 19). A terceira é a sua institucionalização em currículos e horários escolares oficiais (TEXTO 15), fatores que a convertem de conceito abstrato em componente material do cotidiano educativo.

Desse modo se por um lado a definição técnica exata da tecnologia parece não importar para a sua adoção prática e utilitária no setor educacional essa ausência de debate oculta uma crítica fundamental. O cerne da preocupação reside no fato de que a Inteligência Artificial opera a partir da extração e da análise massiva de dados dos usuários o que suscita graves riscos éticos na rotina escolar (TEXTO 07, TEXTO 17).

Essa dinâmica impõe o questionamento sobre se a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais a Lei 13.709 de 2018 (Brasil, 2018), conhecida como LGPD, será de fato suficiente para garantir a segurança e a privacidade das informações inseridas por estudantes e professores (Costa Junior *et al.*, 2024). Além disso esse apagamento conceitual e crítico promovido pelo discurso jornalístico levanta a suspeita sobre até que ponto os megagrupos midiáticos utilizam essa narrativa de inovação e inevitabilidade para manter e prorrogar a sua própria ascensão, o seu monopólio corporativo e o seu poder de influência sobre a sociedade (Roso e Guareschi, 2007, p. 44).

Quadro 9: Análise da dissonância cognitiva.

Prompt 7: A Dinâmica da Dissonância (Distorção, Suplementação e Desfalque)

Prompt: Utilizando como base teórica o texto de Jodelet (2001) sobre o "hiato" (décalage) do referente e a redução da dissonância cognitiva, identifique como a representação da IA na educação é moldada para se ajustar aos valores do grupo. Analise o corpus de 20 textos e identifique, com o máximo de exemplificação possível, os três efeitos descritos pela autora:

1. Distorções: Onde os atributos da IA são acentuados ou minimizados (reduzidos) especificamente para aliviar contradições ou conflitos de interesse?

2. Suplementações: Quais atributos, conotações ou "poderes" imaginários são conferidos à IA que não pertencem à sua natureza técnica original (agregação de significação)?
3. Desfalques: Quais elementos centrais da IA (como questões éticas, lucro corporativo ou viés algorítmico) são suprimidos ou silenciados por força de normas sociais ou resistências do grupo?

Critérios de Execução e Rigor:

- Densidade de Evidências: É essencial que você utilize o máximo de citações e exemplos dos 20 textos para saturar a análise desses três mecanismos.
- Citações: Use obrigatoriamente aspas para trechos diretos.
- Formatação de Citação: Após cada citação, indique entre parênteses (Título do Texto, Nome do Documento). Use a primeira letra maiúscula e as demais minúsculas, por exemplo: (Jodelet, 2001).
- Estilo: Texto formal, padrão culto, sem adjetivação hiperbólica e proibido o uso de travessões. Utilize "redução" em vez de "diminuição".

Resposta 7: A análise da representação social da Inteligência Artificial (IA) na educação, sob a ótica de Denise Jodelet (2001), revela um processo de ajuste cognitivo onde o saber científico é transformado para harmonizar-se com os valores, expectativas e defesas do grupo social. Esse fenômeno de "hiato" (décalage) entre o objeto técnico e a sua representação ocorre através de três mecanismos que visam a redução da dissonância cognitiva e o manejo de conflitos de interesse no campo pedagógico.

1. Distorções

As distorções operam acentuando ou minimizando (reduzindo) atributos da IA para aliviar contradições entre a inovação tecnológica e a tradição escolar. No corpus, observa-se uma acentuação da IA como ferramenta de eficiência, enquanto sua complexidade de controle é minimizada.

- *Acentuação da Eficiência: A IA é apresentada como a solução definitiva para a sobrecarga, distorcendo o processo de ensino para uma lógica de produtividade. "O APA impactou positivamente mais de 8 mil escolas de ensino fundamental, reduzindo o tempo entre avaliação e intervenção em sala de aula" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Texto 10).*
- *Minimização do Esforço Intelectual: Atributos de facilitação são acentuados em detrimento do processo cognitivo profundo. "A inteligência artificial pode ajudar nisso não substituindo-os, mas provendo tutores e melhorando os professores existentes" (Como a Inteligência Artificial já está mudando salas de aula no Brasil e no mundo, Texto 11).*
- *Acentuação da Inevitabilidade: Para reduzir a resistência, a IA é distorcida como uma força da natureza contra a qual não há escolha. "O uso da IA na educação é irreversível, muito embora no setor educacional brasileiro ainda esteja em fase de expansão" (UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA, Texto 07).*

2. Suplementações

As suplementações referem-se à agregação de significações e "poderes" que não pertencem à natureza técnica do algoritmo, mas que satisfazem desejos ou ideais do grupo social. A IA deixa de ser cálculo e passa a ser investida de qualidades humanas ou místicas.

- *Agência Quase-Humana: Confere-se à IA a capacidade de "entender" e "sentir" o aluno. "O sistema identifica, via algoritmos, o quanto ele entendeu de cada matéria" (Como a Inteligência Artificial já está mudando salas de aula no Brasil e no mundo, Texto 11).*
- *Personalização "Mágica": Atribui-se à IA o poder de individualização absoluta, uma utopia pedagógica antiga. "Plataformas identificam*

dificuldades do estudante e sugerem planos de estudo específicos"

(Inteligência artificial individualiza ensino e ajuda professores, Texto 09).

- *A IA como "Tutor de Bolso": Essa metáfora suplementa o objeto técnico com a conotação de companheirismo e onipresença protetora. "Modelos de linguagem avançados fornecem explicações e tutoria instantânea, sendo chamados de 'tutor de bolso'" (Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação, Texto 08).*
- *A IA como Salvador da Equidade: Suplementa-se a ferramenta com a promessa de resolver desigualdades históricas. "A democratização da tecnologia, aliada à inteligência artificial, torna possível quebrar as barreiras nos ambientes reais" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Texto 10).*

3. Desfalques

Os desfalques consistem na supressão ou silenciamento de elementos centrais da IA que poderiam gerar ansiedade, resistência ou ferir normas éticas do grupo.

Elementos como a lógica do lucro, o viés algorítmico e a infraestrutura material são frequentemente omitidos.

- *Silenciamento dos Interesses Corporativos: Pouco se discute o lucro das edtechs por trás da implementação. Os textos focam no benefício pedagógico, realizando a redução da dimensão econômica. "A tecnologia vem chegando através de plataformas contratadas por redes de ensino públicas e privadas" (Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação, Texto 01).*
- *Supressão da Infraestrutura e Custos: Omite-se o custo ambiental e material dos centros de dados. "O objetivo é similar: o professor tira uma foto do exercício respondido do aluno e envia para o sistema do aplicativo" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Texto 10). O "como" financeiro e material é desfalcado.*

- *Redução da Discussão sobre Vieses: Embora citados como riscos, os vieses e falhas éticas são muitas vezes colocados em segundo plano frente à urgência da inovação. "O setor educacional está despreparado para uma integração ética e pedagógica da inteligência artificial, que está em rápida evolução" (UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA, Texto 07).*
- *Desfalque da Substituição Laboral: Para reduzir a dissonância dos professores, silencia-se a possibilidade real de demissões em massa em alguns modelos. "A agência reafirma a necessidade de investir em professores, incluindo os 44 milhões de educadores que o mundo irá precisar até 2030" (Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores, Texto 13).*

Em conclusão, a representação da IA no corpus é moldada por uma seleção interessada que acentua a utilidade pedagógica (distorção), reveste a tecnologia de capacidades relacionais (suplementação) e oculta as tensões de mercado e falhas técnicas (desfalque), permitindo que o objeto estranho seja integrado sem causar a ruptura dos valores escolares tradicionais.

Fonte: Gemini AI, 2026.

Com relação às distorções, a análise empírica apontou três operações de ajuste no corpus. A primeira delas é a ênfase na eficiência mensurável da Inteligência Artificial, como o impacto positivo em mais de oito mil escolas (TEXTO 10), enquanto os seus riscos cognitivos são colocados em segundo plano. A segunda é a minimização do esforço intelectual ao posicionar a tecnologia como provedora de tutoria imediata sem discutir a dependência que esse modelo pode gerar (TEXTO 08). A terceira é a acentuação da inevitabilidade da integração, apresentada como uma força natural e irreversível contra a qual não há escolha (TEXTO 07).

Nas suplementações, a pesquisa identificou que o corpus confere à Inteligência Artificial atributos que não pertencem à sua natureza computacional. Isso se revela na agência quase humana expressa no enunciado de que o sistema identifica o quanto o aluno entendeu (TEXTO 11), na promessa de personalização absoluta do ensino apresentada como realidade já

implementada (TEXTO 01) e na conotação de companheirismo e presença protetora condensada na metáfora do tutor de bolso (TEXTO 08).

Nos desfalques, a investigação apontou três elementos sistematicamente suprimidos do debate. O primeiro engloba os interesses financeiros das corporações educacionais e plataformas contratadas pelas redes de ensino (TEXTO 01, TEXTO 11), assim como discutido na análise anterior. O segundo envolve os custos ambientais e de infraestrutura dos centros de dados. O terceiro abrange o debate sobre vieses algorítmicos e a responsabilidade ética, o qual aparece apenas marginalmente nos textos críticos do acervo (TEXTO 07, TEXTO 17).

Percorrido todas essas análises, chegamos a análise conclusiva (*quadro 11*).

Quadro 10: Análise conclusiva das RS da IA na educação.

Prompt 8: Com base em todas as etapas anteriores da análise (validação do objeto, objetivação, ancoragem e dinâmica da dissonância), elabore uma síntese conclusiva que defina a Representação Social da IA na Educação veiculada pela mídia escrita no corpus de 20 textos.

Sua conclusão deve responder aos seguintes pontos:

1. Síntese do Núcleo Figurativo: Qual é a "imagem central" que resume a IA na educação para essa mídia?
2. Diferenciação por Público: Se tivéssemos que explicar essa representação para diferentes públicos, o que diríamos ser a marca registrada dessa visão midiática em comparação a outros contextos (como o acadêmico ou o técnico)?
3. Função Social: Qual é o objetivo dessa representação nos textos analisados? Ela visa acalmar o público, vender uma necessidade tecnológica ou preparar a sociedade para mudanças estruturais?

Critérios de Execução e Rigor:

- Fundamentação: Utilize citações diretas e exemplos dos textos para sustentar a definição final da representação.
- Citações: Use aspas e o formato (Título do Texto, Nome do Documento), com inicial maiúscula e demais minúsculas.

- **Estilo:** Texto formal, denso, sem adjetivação hiperbólica e estritamente sem o uso de travessões.
- **Terminologia:** Utilize "redução" em vez de "diminuição".
- **Abrangência:** Tente amarrar as evidências dos 20 textos para demonstrar que a conclusão representa o conjunto do corpus.

Resposta 8: A síntese conclusiva da análise psicossocial do corpus de 20 textos revela que a Representação Social (RS) da Inteligência Artificial (IA) na educação é um fenômeno consolidado, operando como um saber prático que media a transição entre a escola tradicional e a era digital. Esta representação não é neutra, mas sim uma construção simbólica que organiza a realidade educativa sob as seguintes definições:

1. Síntese do Núcleo Figurativo: O Tutor de Apoio Insubstituível

A imagem central que condensa a RS da IA no corpus é a figura do "Tutor Híbrido" ou "Assistente de Bolso". Esta figura sintetiza a tecnologia não como um processamento de dados frio, mas como uma entidade dotada de funções relacionais e pedagógicas, capaz de agir onde o humano falha por sobrecarga. A IA é figurativizada como um par dialógico que "ajuda", "ensina" e "identifica" necessidades em tempo real.

- *Evidências: "Modelos de linguagem avançados fornecem explicações e tutoria instantânea, sendo chamados de 'tutor de bolso'" (Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação, Texto 08). Esta imagem é reforçada pela ideia de uma parceria simbiótica: "Do ponto de vista pedagógico, diz o especialista, tem que ser explorada como um 'companheiro de aprendizagem'" (Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação, Texto 01).*

2. Diferenciação por Público: A Marca Registrada da Visão Midiática

Diferentemente do contexto técnico (focado em algoritmos e arquitetura de redes neurais) ou acadêmico (focado em críticas epistemológicas e desigualdades estruturais), a marca registrada desta representação midiática é o Pragmatismo Otimista. Enquanto a academia foca no "hiato" digital, a mídia foca na "resolução" de problemas.

- *Foco na Resolutividade: A representação foca na eficácia imediata e na democratização pelo acesso. "A democratização da tecnologia, aliada à inteligência artificial, torna possível quebrar as barreiras nos ambientes reais, onde estão as pessoas que mais precisam de acessos" (Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais, Texto 10).*
- *Foco na Inevitabilidade: Ao contrário do debate técnico que discute limites de hardware, a mídia ancora o objeto na obrigatoriedade social. "Inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí" (Como a inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí, Texto 15).*

3. Função Social: Preparação e Naturalização da Mudança

A função social desta representação no corpus é tripla: visa a redução da ansiedade docente, a legitimação de novas práticas curriculares e a criação de um senso de urgência econômica.

- *Redução da Resistência: Ao afirmar que a IA é apenas um apoio, a representação acalma o temor da substituição profissional. "A Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores" (Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores, Texto 13).*
- *Legitimação do Mercado: Existe uma função latente de vender a necessidade tecnológica como requisito de cidadania. "Pesquisa inédita revela que 82% dos internautas brasileiros já enxerga o conhecimento em IA como chave para*

destrancar oportunidades profissionais" (Brasileiros acreditam que aprender sobre IA amplia chances no trabalho, Texto 16).

- *Mudança Estrutural: A representação prepara a sociedade para aceitar a IA como um elemento natural do cotidiano. "O uso da IA na educação é irreversível, muito embora no setor educacional brasileiro ainda esteja em fase de expansão" (UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA, Texto 07).*

Em conclusão, a Representação Social veiculada pela mídia escrita opera como uma ferramenta de redução da complexidade técnica e ética da IA, transformando-a em uma necessidade pedagógica e profissional inquestionável, materializada na figura de um assistente digital que promete a personalização do ensino e a modernização do trabalho docente.

Fonte: Gemini AI, 2026.

No que se refere ao núcleo figurativo, a ferramenta concluiu que a imagem central que condensa a representação é o tutor híbrido ou assistente de bolso (TEXTO 08). Segundo a teoria do núcleo central discutida por Abric (1994, p. 21 *apud* Sá, 1998, p. 70), o processo de objetivação e a formação do núcleo imaginante retomam as análises de Moscovici para transformar conceitos abstratos em elementos figurativos concretos. Essa figura sintetiza a Inteligência Artificial como entidade relacional e pedagógica capaz de agir onde o humano falha por sobrecarga. Essa imagem resolve a principal tensão do corpus ao preservar o professor como sujeito insubstituível (TEXTO 01), enquanto legitima a tecnologia como suporte prático necessário.

Na diferenciação por público, a análise apontou que a marca registrada dessa representação midiática é o pragmatismo otimista. Diferentemente do contexto acadêmico, que interroga limites epistemológicos e desigualdades estruturais, e do contexto técnico, que discute arquitetura de redes e limites computacionais, o corpus foca na resolutividade imediata dos problemas escolares e na narrativa da inevitabilidade social da adoção (TEXTO 07).

E no que se refere à função social, amparada na perspectiva de Doise (1973 *apud* Jodelet, 2001, p. 15) de que as representações servem para a orientação das condutas e para a justificação antecipada das interações sociais, a resposta identificou três objetivos que a

representação cumpre simultaneamente. O primeiro objetivo é reduzir a ansiedade docente ao garantir que a Inteligência Artificial nunca substituirá o professor (TEXTO 13). O segundo é legitimar novas práticas curriculares, apresentando a integração como processo já em curso e irreversível (TEXTO 07). O terceiro é criar urgência econômica ao vincular o domínio tecnológico à empregabilidade, com 80 por cento dos internautas brasileiros associando o conhecimento na ferramenta a oportunidades profissionais e 82 por cento demonstrando interesse direto em aprender a utilizar a tecnologia (TEXTO 16).

4.3.1 Discussão com base nos autores do referencial teórico.

Os resultados obtidos nos Quadros precedentes permitem uma leitura articulada que vai além da descrição dos achados isolados de cada etapa analítica. Lidos em conjunto e confrontados com o referencial teórico desta pesquisa, eles revelam um fenômeno de considerável profundidade. A representação social da Inteligência Artificial na educação, tal como veiculada pela mídia jornalística brasileira, é uma construção simbólica que cumpre a sua função social ao preço de suprimir sistematicamente o objeto técnico que representa. Compreender esse movimento exige percorrer, passo a passo, a cadeia representacional que os quadros mapearam.

O ponto de partida necessário é a validação do objeto. Com base nos critérios de Moliner (1993 *apud* SÁ, 1998, p. 32), o Quadro 6 confirmou que a Inteligência Artificial na educação constitui uma representação social consolidada, não apenas emergente. Essa distinção importa teoricamente porque uma representação social consolidada já não está em disputa aberta, pois ela orienta condutas, organiza valores e institui verdades práticas de forma estável no grupo social. Os três critérios foram satisfeitos de forma inequívoca no corpus. A relevância social é atestada pela institucionalização do tema em políticas públicas concretas e pelo dado de que 80 por cento dos internautas brasileiros reconhecem o domínio da ferramenta como requisito de oportunidades profissionais (TEXTO 16).

A espessura multidimensional se manifesta na coexistência de posições radicalmente conflitantes num mesmo corpus, pois a tecnologia é simultaneamente representada como vetor de democratização e como ameaça ao pensamento crítico. A prática social, por sua vez, já orienta condutas nos três níveis do campo educacional, do professor que reformula o seu planejamento à rede que contrata plataformas e reforma currículos. Moscovici (2007, p. 54)

havia formulado que a finalidade primária de toda representação é tornar familiar o que é estranho. No corpus, esse processo não está em curso, pois ele já está concluído.

O *Quadro 7* evidenciou como esse processo de familiarização operou concretamente. A objetivação, nas três fases descritas por Jodelet (1993, p. 17), realizou uma operação que merece atenção crítica. Na fase de seleção e descontextualização, o corpus desprezou integralmente a cadeia de processamento que a *seção 2.3* deste trabalho se dedicou a construir. Foram suprimidos os neurônios artificiais organizados em camadas e interligados por pesos sinápticos ajustados iterativamente por algoritmos de correção de erro (Fleck *et al.*, 2016, p. 48 a 50), o aprendizado como melhoria de desempenho em tarefas a partir da experiência acumulada definida formalmente por Mitchell (1997, p. 2), a geração de texto como cálculo de probabilidade condicional sobre sequências de tokens descrita por Sutskever, Vinyals e Le (2014, p. 3104 a 3112) e a dependência do risco empírico que só generaliza adequadamente quando os dados de treinamento representam fielmente a realidade (Vapnik, 1995).

Toda essa cadeia foi comprimida num único rótulo, sendo ele a Inteligência Artificial. O núcleo figurativo que emergiu dessa supressão é a figura do tutor de bolso e do companheiro de aprendizagem, metáforas que convertem um sistema probabilístico e estatístico numa entidade relacional dotada de presença, cuidado e compreensão. Essa conversão é precisamente o que Figueiredo (2024, p. 8) contesta ao afirmar que esses sistemas são estruturalmente incapazes de compreender semanticamente as palavras que manipulam, operando unicamente por probabilidade estatística.

A máquina que os textos descrevem como aquela que identifica o quanto o aluno entendeu de cada matéria é, em termos computacionais, um modelo que correlaciona padrões em dados de desempenho sem nenhuma compreensão do que está processando. Para que essa metáfora se sustente, a fase de naturalização completa o ciclo de objetivação conferindo à figura da máquina o valor de uma realidade concreta (Jodelet, 1993, p. 17). Ao tratar a Inteligência Artificial como componente já estabelecido do cotidiano escolar, com alunos conectados a softwares de acompanhamento individualizado e estados que tornam a disciplina obrigatória, o corpus tornou supérfluo o questionamento da natureza técnica do objeto. O debate que a *seção 2.3* buscou instaurar foi integralizado antes mesmo de chegar ao senso comum.

O processo de ancoragem mapeado no *Quadro 8* completa o quadro da legitimação. Ao classificar a tecnologia como ferramenta didática, inovação pedagógica ou ameaça ética, o campo midiático recorreu a categorias já consolidadas para tornar o objeto compreensível, exatamente como Jodelet (1993, p. 17) descreve ao explicar que a ancoragem insere o objeto novo no sistema do já pensado e convencionado socialmente. O enraizamento nos valores de

democratização, humanismo docente e redução de desigualdades é particularmente revelador, porque ancora a ferramenta precisamente no campo semântico que mais lhe confere legitimidade social.

Contudo, quando os dados de treinamento dessas plataformas são enviesados, o sistema perpetua desinformação e discriminação algorítmica de forma automatizada (Brown, 2022, p. 25 *apud* Borges, 2023), produzindo o oposto exato do valor ao qual se ancora. Essa contradição estrutural é silenciada pela ancoragem, que converte o risco em promessa.

A instrumentalização do saber produz três condutas observáveis no corpus. A primeira é a aceitação e adaptação de quem já integrou a Inteligência Artificial ao trabalho docente. A segunda é a resistência e regulação amparada na defesa da centralidade humana. A terceira é a prática de monitoramento, que exige que o aluno indique os pontos em que recorreu à máquina. Essas três condutas coexistem porque a ancoragem ainda não estabilizou o objeto numa categoria única, o que indica que a representação, embora consolidada, ainda opera num campo de tensão.

O Quadro 10 expôs o mecanismo que gerencia essa tensão. A dissonância cognitiva gerada pelo confronto entre a tradição pedagógica e a inovação tecnológica é administrada por meio das três operações descritas por Jodelet (1993, p. 15 a 16), sendo elas a distorção, a suplementação e o desfalque. As distorções acentuam a eficiência mensurável da tecnologia, como o impacto em mais de oito mil escolas, enquanto minimizam o risco da cognição delegada que Risko e Gilbert (2016 *apud* Figueiredo, 2024) alertam conduzir, a prazo, ao declínio das capacidades cognitivas. Ao transferir para a máquina tarefas que exigem esforço intelectual, o estudante abre mão do próprio exercício do raciocínio, e a representação midiática, ao distorcer essa relação como mera otimização, pavimenta o caminho para o que Figueiredo (2024) alerta ser o risco de criar uma geração com capacidades degeneradas numa era de máquinas inteligentes.

As suplementações investem o algoritmo de qualidades que ultrapassam a sua natureza computacional, como a capacidade de compreender e acompanhar o aluno, atributos problematizados em um retorno gerado por inteligência artificial e validado por pesquisadores (Openai, 2023 *apud* Azambuja e Silva, 2024) ao apontar que a simplificação excessiva de conceitos complexos pela máquina limita o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de argumentação, habilidades que constituem a essência do processo educativo.

Os desfalques, por sua vez, silenciam três elementos que o referencial teórico desta pesquisa tratou como centrais. O primeiro é o silenciamento dos interesses financeiros das corporações tecnológicas educacionais contratadas pelas redes de ensino. O segundo é a

supressão do debate sobre vieses algorítmicos que, conforme Brown (2022, p. 25 *apud* Borges, 2023), podem disseminar discriminação de forma automatizada. O terceiro é a invisibilização do fenômeno da alucinação, pelo qual o sistema inventa respostas perentórias com absoluta convicção estatística para preencher lacunas de conhecimento (Figueiredo, 2024).

Ao invisibilizar esses elementos, a representação realiza exatamente o que Thompson (1995 *apud* Guareschi, 2000, p. 44) descreve como o uso de formas simbólicas pelo discurso ideológico para criar ou reproduzir relações de dominação. Toda matéria jornalística é, em sua essência, uma construção da realidade que expõe os poderes e os valores de quem decide a pauta e do veículo que a pública (Berger e Luckmann, 1985 *apud* Roso e Guareschi, 2006, p. 46), e a predominância de veículos privados de grande circulação sediados no eixo Rio e São Paulo no corpus não é um dado neutro. Ela é a condição de produção que determina o que é ancorado, o que é suplementado e o que é desfalcado.

A síntese do Quadro 11 revela com precisão a função social dessa construção. A representação opera em três planos simultâneos. Ela reduz a ansiedade docente ao afirmar que a Inteligência Artificial nunca substituirá o professor. Ela legitima a incorporação curricular apresentando a integração como processo já em curso e irreversível. E ela cria urgência econômica ao converter o domínio tecnológico em requisito de cidadania e empregabilidade. Essa operação tem consequências práticas imediatas, pois professores, gestores e formuladores de políticas públicas passam a tomar decisões sobre o futuro da educação com base numa representação que domesticou a ferramenta sem jamais interrogar a sua natureza real.

Tardif e Lessard (2014, p. 35) lembram que o trabalho docente é fundamentalmente uma profissão de interações humanas, irredutível a processos automáticos. Barpi *et al.* (2023 *apud* Barros *et al.*, 2024, p. 159) reconhecem os avanços das plataformas adaptativas no mapeamento do desempenho, mas alertam que essa tecnologia exige intencionalidade pedagógica clara para não atuar como mecanismo de enquadramento silencioso das possibilidades cognitivas do estudante. Selwyn (2016 *apud* Costa Júnior *et al.*, 2024) aponta que o ajuste automático dos desafios e o feedback instantâneo trazem eficiência, mas abrem questões profundas sobre a natureza da aprendizagem quando o tempo de maturação do pensamento é suprimido.

O que a representação social veiculada pelo corpus oferece não é uma resposta a essas questões. É uma estratégia para que elas não sejam feitas. Moscovici (2007, p. 54) formulou que toda representação torna familiar o que é estranho. O corpus cumpriu essa tarefa com eficiência. O que ele não cumpriu, e o que este trabalho se propõe a instaurar, é o questionamento sobre o que foi necessário tornar invisível para que essa familiaridade fosse possível.

4.4 Dimensões das representações sociais da IA na educação.

A análise desenvolvida nos itens anteriores permite agora organizar as representações sociais identificadas segundo o esquema de dimensões proposto por Jodelet (1993, p. 9). Esse esquema orienta o estudo das representações sociais por meio de três problemas centrais resumidos nas seguintes perguntas: quem sabe e de onde sabe, o que e como sabe, e sobre o que sabe e com que efeito.

O primeiro problema central, correspondente às condições de produção e de circulação da representação, exige responder quem sabe e de onde sabe. Nesta pesquisa, os emissores da representação são veículos jornalísticos privados de grande circulação nacional, predominantemente sediados no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, conforme revelado pela caracterização do *corpus* no *item 4.1*. Esses agentes não são observadores neutros da integração da Inteligência Artificial à educação, pois são atores sociais inseridos num contexto de alta concentração da mídia, vinculados direta ou indiretamente ao setor das empresas de tecnologia e ao interesse econômico no hábito de consumir plataformas digitais.

Entender a origem desse conhecimento exige compreender, portanto, que a representação transmitida não vem de uma comunidade científica, mas de um campo da comunicação que, conforme Thompson (1995 *apud* Guareschi, 2000, p. 44), opera escondendo estratégias de poder e de dominação disfarçadas de informação imparcial.

O público que recebe e reconstrói essa representação é composto por professores, gestores, formuladores de políticas educacionais e pela sociedade em geral. Essas pessoas, ao consumirem essas narrativas, as incorporam como um saber prático orientador de condutas, exatamente nos termos em que Jodelet (1993, p. 9) define a função da representação social.

O segundo problema central, relativo aos processos e aos estados das representações, exige responder o que se sabe e como se sabe. O saber transmitido pelo *corpus* é prático e funcional. A Inteligência Artificial é representada como uma ferramenta pedagógica eficiente, capaz de personalizar o ensino e de democratizar o acesso ao conhecimento. Ela se materializa na figura do tutor de bolso e do companheiro de aprendizagem.

Esse conteúdo da representação foi construído pelos processos de objetivação e de ancoragem mapeados nos *Quadros 7 e 8*. A objetivação funcionou por meio da seleção e da exclusão da natureza técnica do objeto, como descrito por Jodelet (1993, p. 17). Esse processo

guardou apenas as funções pedagógicas visíveis da Inteligência Artificial e converteu o sistema de probabilidades em uma entidade com a qual se pode relacionar.

A ancoragem, por sua vez, inseriu o objeto novo em redes de significados já estabelecidas. Isso classificou a Inteligência Artificial como ferramenta didática, inovação pedagógica ou ameaça ética, enraizando a tecnologia nos valores de democratização, de humanismo e de redução de desigualdades.

Essa forma de saber revela um processo de simplificação mental que, ao tornar o desconhecido algo familiar, elimina ao mesmo tempo o debate científico que o referencial teórico desta pesquisa buscou estabelecer.

O terceiro problema central, que diz respeito à validade do conhecimento da representação, exige responder sobre o “*que sabe?*” e “*com que efeito?*”. Os textos analisados compreendem a Inteligência Artificial como um objeto de uso pedagógico imediato e como uma necessidade social urgente, e, não como um tema de reflexão técnica, ética ou política.

A validade desse saber se apoia em três pilares identificados no *Quadro 9*. O primeiro pilar é a utilidade prática comprovada por dados de impacto, como o alcance em mais de oito mil escolas. O segundo é a autoridade institucional de organismos como a Unesco e de iniciativas dos estados que tornaram a disciplina obrigatória. O terceiro é o consenso de que a tecnologia é inevitável, o que transforma a sua adoção em um processo irreversível.

O efeito dessa representação, analisado na conclusão do *Quadro 11*, ocorre em três frentes. Primeiro, ela reduz a ansiedade dos professores ao afirmar a impossibilidade de substituição do docente. Segundo ela justifica a inclusão da tecnologia no currículo apresentando a integração como um processo que já está acontecendo. Terceiro, ela cria uma urgência econômica ao transformar o domínio tecnológico em uma exigência para conseguir emprego.

Jodelet (1993, p. 15) alerta que o saber do senso comum não busca uma verdade científica inquestionável, mas sim uma verdade funcional e adaptada para a ação. O efeito prático dessa verdade adaptada é que professores, gestores e criadores de políticas públicas tomam decisões sobre o futuro da educação baseados em uma representação que, ao domesticar a Inteligência Artificial, tornou invisível aquilo que era essencial conhecer sobre ela.

Respondidas as três ordens de problemas, apresento o paradigma das representações sociais da IA na educação, condensando os resultados da análise empreendida nesta pesquisa.

Quadro 11: Paradigma das Representações Sociais da IA na Educação.

Pergunta Básica	Resposta
Fenômeno mencionado	Integração da Inteligência Artificial à educação. Termos utilizados pelo corpus: <ul style="list-style-type: none"> • Tutor de bolso; • Companheiro de aprendizagem; • Ferramenta pedagógica; • Disciplina obrigatória; • Inovação disruptiva.
Atores envolvidos	<ul style="list-style-type: none"> • Veículos jornalísticos digitais; • Professores; • Gestores escolares e coordenadores pedagógicos; • Formuladores de políticas educacionais; • Sociedade em geral.
Aspectos do fenômeno	<ul style="list-style-type: none"> • Personalização do ensino e adaptação ao ritmo individual do aluno; • Correção e acompanhamento automatizados; • Democratização do acesso ao conhecimento; • Ferramenta didática; • Inovação pedagógica; • Ameaça ética.
Quando? Por quanto tempo? Onde?	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo: as narrativas situam a representação no período de expansão da IA generativa no Brasil, a partir de 2022, com intensificação em 2023 e 2024; • A integração é tratada como processo em curso e irreversível, sem horizonte de encerramento; • Localização: mídia jornalística nacional de grande circulação digital, podendo atingir grande parte do mundo.
Quanto? Quão forte?	A integração da IA na educação surge sem precedentes e o curso da sociedade nos declina pra uma integração massiva. Algumas matérias já trazem por exemplo a inclusão de uma disciplina dedicada ao tema no estado do Piauí e a criação de uma escola com tutores exclusivamente virtuais no Estados Unidos.
Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> • Distorções que superestimam a eficiência; • Inevitabilidade da adoção; • Atribuições de qualidades relacionais; • Desfalques que silenciam os vieses algorítmicos; • Interesses corporativos.
Para quê?	A representação cumpre três funções sociais simultâneas: <ul style="list-style-type: none"> • Reduzir a ansiedade docente pela afirmação recorrente da insubstituibilidade do professor; • Legitimar a incorporação curricular da IA apresentando a integração como processo já estabelecido e irreversível; • Criar urgência econômica ao vincular o domínio da tecnologia à empregabilidade e à cidadania.
Por meio de quê?	<ul style="list-style-type: none"> • Difusão jornalística em veículos digitais de grande alcance nacional • Propagação institucional via documentos (Unesco) • Políticas públicas estaduais • Propaganda implícita nas narrativas

Fonte: Produzido pelo autor, 2026.

A dimensão dos atores envolvidos na construção e na circulação da representação social da Inteligência Artificial na educação merece uma discussão profunda, pois ela é a chave para compreender os motivos pelos quais a representação assume a forma atual. Jodelet (1993, p. 9) situa o primeiro problema central das representações sociais exatamente nas condições de

produção e de circulação, pois toda representação carrega as marcas de quem a emite e do contexto ideológico no qual foi produzida.

O emissor central desta representação é o jornalismo digital privado e de grande circulação. A caracterização do conjunto de textos revelou que as vinte publicações analisadas vêm de veículos como o G1, O Globo, a Folha de São Paulo e a revista Veja, além de reportagens da Organização das Nações Unidas adaptadas para o público brasileiro. Esses veículos não são entidades abstratas, pois são organizações com estruturas de propriedade, com modelos de financiamento e com relações institucionais que condicionam o que é publicado e a maneira como o tema é apresentado. Roso e Guareschi (2007, p. 41) afirmam que a mídia reconstrói ativamente a realidade, decidindo o que deve ser discutido e instituindo o que é verdadeiro para a população. Ao fazer isso, esses veículos não atuam como transmissores neutros da novidade tecnológica, pois agem como agentes de ancoragem, selecionando quais características da Inteligência Artificial merecem visibilidade e quais devem permanecer escondidas.

O que fica escondido é exatamente o que Thompson (1995 *apud* Guareschi, 2000, p. 44) descreve como as estratégias de poder e de dominação disfarçadas pelo discurso ideológico. As fontes predominantes nos textos são especialistas de mercado, representantes de empresas de tecnologia educacional, gestores públicos convencidos de que a adoção da ferramenta é inevitável e organismos internacionais, como a Unesco, que operam com um horizonte de modernização educacional global. Pesquisadores críticos da Inteligência Artificial, educadores preocupados com a delegação do raciocínio e cientistas da computação que discutem os limites dos modelos que geram conteúdos, como Mitchell (1997) e Figueiredo (2024), estão sistematicamente ausentes ou com pouca representação. Essa ausência não é acidental, pois é o produto de uma seleção editorial que favorece as vozes alinhadas com a narrativa de progresso e de inevitabilidade.

O público que recebe a representação, por sua vez, não é passivo. Alexandre (2001, p. 116) lembra que as grandes empresas de comunicação lidam com a fabricação e com a disseminação das representações, ditando a maneira como a coletividade processará o saber tecnológico e social. Professores que leem sobre o tutor de bolso em portais de notícias educacionais, gestores que fundamentam as suas decisões de contratação de plataformas em reportagens como a da Unesco e formuladores de políticas públicas que transformam em obrigatoriedade curricular o que a mídia apresenta como um consenso inevitável, esses participam ativamente da reprodução e da consolidação da representação.

Ao receber a mensagem, esses sujeitos não apenas a consomem, mas a aplicam em suas práticas, reforçando o ciclo de naturalização que os textos documentam. É nesse sentido que

Guareschi (2000, p. 45) afirma que a ideologia trabalha no sentido de produzir, de reproduzir e de transformar as identidades. O professor que internaliza a representação do tutor de bolso como uma verdade prática reorganiza as suas expectativas sobre o seu próprio papel, sobre as suas práticas pedagógicas e sobre a sua relação com a tecnologia, independentemente de qualquer reflexão crítica sobre a natureza real do objeto que essa representação substitui.

O caminho percorrido até este ponto da pesquisa evidenciou como a representação social da Inteligência Artificial na educação foi construída e consolidada pelo discurso da mídia. Ao aplicar as três dimensões analíticas propostas por Jodelet (1993), o estudo revelou as estratégias que transformam um sistema tecnológico complexo em uma figura familiar e inquestionável. Com o fim dessa etapa de análise e discussão, o texto se direciona agora para as conclusões finais. Nesse próximo e último momento, o objetivo é sintetizar os principais resultados encontrados, retomar as perguntas que motivaram o trabalho e refletir sobre as contribuições acadêmicas do estudo, além de apontar os limites da pesquisa e os possíveis caminhos para investigações futuras sobre o tema.

5 CONCLUSÕES FINAIS

No caminho de pesquisa que desenvolvi ao longo desta monografia, busquei responder a uma questão central: quais são as representações sociais da mídia jornalística sobre a integração da Inteligência Artificial à educação? O trajeto de análise que percorri, desde a fundamentação teórica até a análise do conjunto de textos, passando pelos processos de objetivação, de ancoragem e pela dinâmica da dissonância, me permitiu não apenas responder a essa pergunta, mas também revelar a complexidade dos conflitos simbólicos que atravessam o discurso da mídia sobre a tecnologia educacional.

Confirmei a hipótese central desta investigação. A mídia jornalística constrói, em sua maior parte, uma representação focada no espetáculo da Inteligência Artificial, ancorando a ferramenta na ideia de um progresso inevitável da sociedade. A análise de sentimento que realizei revelou que 50 por cento dos textos analisados apresentam uma visão positiva, enquanto apenas 20 por cento expressam perspectivas negativas. Esse desequilíbrio não ocorre por acaso. Ele é o produto de um processo sistemático de representação, por meio do qual os veículos de comunicação predominantemente privados e vinculados de forma direta ou indireta ao setor das empresas de tecnologia transformam a complexidade dos algoritmos em promessas pedagógicas de fácil consumo social.

Também confirmei a segunda hipótese, que trata da objetivação da tecnologia na figura de um tutor que não falha. O núcleo figurativo que identifiquei, o tutor híbrido ou assistente de bolso, materializou o algoritmo em uma entidade com a qual se pode relacionar e que possui capacidades quase humanas, pois ela identifica, personaliza, acompanha e orienta. Essa objetivação cumpre uma função psicológica e social bem definida. Ao transformar o abstrato no concreto e o desconhecido no familiar, ela reduz a dissonância cognitiva gerada pelo surgimento de uma tecnologia radicalmente nova no cotidiano educacional.

O preço dessa familiarização, contudo, é a ocultação da natureza profunda da Inteligência Artificial Generativa como uma máquina geradora de textos. Ela opera por probabilidade estatística sem nenhuma compreensão do significado das palavras, uma fragilidade estrutural que a representação da mídia esconde sistematicamente por meio da operação de desfalque.

Confirmei parcialmente a terceira hipótese sobre a desvalorização do trabalho do professor reduzido a um mero facilitador de plataformas. Por um lado, os textos analisados mostram a repetição do discurso de proteção da identidade do docente com a afirmação constante de que a Inteligência Artificial nunca substituirá o professor. Por outro lado, essa afirmação convive com histórias que, ao celebrar a automação da correção, do planejamento e do acompanhamento pedagógico, vão aos poucos retirando a importância intelectual e relacional do trabalho do professor. A tensão entre esses dois movimentos de discurso é um dado de análise muito importante, pois revela que a representação da Inteligência Artificial na educação ainda está em processo de estabilização, com campos em disputa sobre qual versão do papel do professor vai prevalecer no pensamento das pessoas.

Do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais, reafirmo com esta pesquisa a grande capacidade da teoria de Moscovici (2007) para a compreensão de fenômenos sociais do nosso tempo. A Inteligência Artificial, como um objeto de representação de alta relevância social e com muitas dimensões, mobilizou todos os mecanismos descritos por essa teoria. Esses mecanismos incluem a ancoragem em categorias familiares, a objetivação em imagens concretas e a dinâmica da dissonância que produz distorções, suplementações e desfalques. A metodologia que adotei, ao juntar a análise de documentos com o uso mediado da Inteligência Artificial geradora de textos como ferramenta de análise, se revelou produtiva e coerente com o método. Isso ocorreu porque a ferramenta me permitiu analisar um grande conjunto de textos com rigor, desde que submetida à minha supervisão crítica humana exigida pelo próprio referencial da teoria.

O uso do Gemini como ferramenta auxiliar de análise merece, por si só, uma reflexão final. Demonstrei na prática o lado duplo da Inteligência Artificial que descrevi na *seção 2.3*. Ela é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de cognição aumentada, que ampliou a minha capacidade de análise ao processar vinte textos de forma simultânea com categorias teóricas precisas, e um risco de cognição delegada, caso as suas respostas fossem aceitas sem o meu questionamento crítico e sem a validação teórica que me distinguem de um usuário passivo. A própria estrutura do método que adotei, ao dividir as análises em conversas separadas, ao formular comandos com base na teoria e ao confrontar as respostas da máquina com os autores estudados, é uma resposta prática ao alerta de Figueiredo (2024, p. 11) sobre o risco da perda da capacidade de pensar pelo uso sem reflexão da tecnologia.

As consequências práticas desta pesquisa para o ensino confirmam a visão de que a Inteligência Artificial deve ser incorporada à educação como uma ferramenta para ampliar o pensamento humano, e não como o seu substituto. A sociedade que permite que a velocidade de adoção da tecnologia ocorra antes de uma reflexão ética profunda, corre o risco de formar gerações boas com a técnica, mas dependentes na forma de pensar, exatamente como alerta Trivinho (2005). O maior desafio da educação atual não é dominar as ferramentas tecnológicas, mas sim cultivar nos estudantes a capacidade de pensar com os algoritmos e sobre eles. O objetivo é usar as máquinas como uma extensão da mente e manter intacta a autonomia do pensamento crítico, que é a condição essencial da cidadania.

Nesse cenário, o professor surge não como uma figura ultrapassada a ser substituída pelo tutor virtual, mas como o ator insubstituível da mediação humana, algo que a Inteligência Artificial não pode copiar. A convivência com o outro, o reconhecimento mútuo, a formação ética, a orientação para a vida e a própria empatia com os alunos formam exatamente a essência da docência como uma profissão de interações humanas discutida por Tardif e Lessard (2014). Reconhecer essa essência e defender essa característica ativamente é uma tarefa não apenas pedagógica, mas de toda a política.

A minha pesquisa apresenta limites que abrem caminhos para estudos futuros. O conjunto de vinte textos jornalísticos que analisei oferece uma amostra representativa, mas não completa, do discurso da mídia sobre a Inteligência Artificial na educação no Brasil. Estudos futuros poderiam ampliar a quantidade de textos, incluir análises de redes sociais e realizar entrevistas com professores sobre as imagens que eles constroem a partir do consumo dessas notícias. Também seria interessante investigar o que os estudantes e os gestores pensam sobre o mesmo tema. A comparação entre visões em diferentes contextos nacionais e grupos sociais, especialmente em países com diferentes níveis de desigualdade na educação, seria igualmente

importante. Isso ajudaria a compreender em qual medida as visões que identifiquei aqui são específicas da realidade brasileira ou se expressam tendências globais.

Concluir o meu trabalho é, antes de tudo, reconhecer que a questão que o motivou permanece aberta. A Inteligência Artificial chegou às escolas com a velocidade típica das mudanças tecnológicas do século atual. A educação, como uma instituição historicamente marcada por um tempo mais lento de reflexão e de formação, precisa encontrar o seu próprio ritmo nessa travessia. A pesquisa sobre as representações sociais pode ser um instrumento poderoso nesse processo. Ao revelar como a sociedade dá sentido ao que é novo, o meu estudo oferece ao educador o mapa simbólico de que ele necessita para navegar com consciência crítica em um cenário de grandes transformações. Desejo que essa navegação seja feita com curiosidade, com responsabilidade e, sobretudo, com o compromisso absoluto de formar seres humanos capazes de pensar por si mesmos. E vale lembrar que errar é humano, mas persistir no erro é uma indução dos algoritmos.

Agora, para finalizar, vamos fazer o uso da inteligência artificial uma última vez. Iremos utilizar a ferramenta *Illustrar* para criar duas imagens apenas para que cada um possa tomar suas conclusões acerca do que é a IA. Para a criação da primeira imagem, será inserido o embasamento científico utilizado para definir a IA no nosso referencial teórico e solicitar que seja criada uma imagem que represente a inteligência artificial conforme a sua definição científica, matemática e computacional (*imagem 3*).

Imagem 3: Criação de imagem que represente a IA conforme definição científica.



Fonte: ChatGPT, 2026.

E por fim, em uma nova conversa será inserida as representações sociais, ancoragens e objetivções encontradas no processo de análise e solicitar que crie uma imagem que represente a inteligência artificial conforme as representações midiáticas (*imagem 4*).

Imagem 4: Criação de imagem que represente a IA conforme o discurso da mídia jornalística.



Fonte: ChatGPT, 2026.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001.

ALFANO, Bruno. Inteligência artificial já corrige redações, explica exercícios de matemática e ensina programação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 maio 2023.

AMARAL, Liliane Souza do; ALVES, Mariana Silva. Themata. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

APPAL. Formação docente na era da IA. **Revista Appai Educar**, Rio de Janeiro, 13 jun. 2025.

APPAL. Inteligência artificial na educação e os desafios do aprendizado superficial. **Revista Appai Educar**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2023.

AZAMBUJA, Celso Candido de; SILVA, Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 1-16, e25107, 2024.

BARROS, Elisângela Tavares da Silva et al. Transformando a educação a distância: a personalização do ensino através da inteligência artificial. **Revista Ilustração**, Cruz Alta, v. 5, n. 3, p. 151-165, 2024.

BORGES, Francisléia dos Santos. Uso da inteligência artificial na educação matemática. **Vistacien Revista Científica Multidisciplinar**, v. 1, p. 61-80, 2023.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Brasília, DF: Presidência da República, [2018]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil/_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **População do Brasil alcança marca de 213,4 milhões de habitantes, divulga IBGE**. Brasília, DF: SECOM, 28 ago. 2025. Disponível em:

<<https://www.gov.br/secom/pt-br/acompanhe-a-secom/noticias/2025/08/populacao-do-brasil-alcanca-marca-de-213-4-milhoes-de-habitantes-divulga-ibge>>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CARVALHO, Luciane Aparecida dos Santos Calheiro de et al. Inteligência artificial e educação personalizada. **Revista Acadêmica da Lusofonia**, 2024.

CARVALHO, Maria de Lourdes G. de; SOUZA, Mariléia de. Categorização Classificação. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

COSTA JÚNIOR, João Fernando et al. Transformando a sala de aula: o impacto da inteligência artificial na educação. [S. l.]: Home Publishing Brazil, 2024.

CUBO ITAÚ. Inteligência artificial na educação: tendências e impactos. **Cubo Itaú**, São Paulo, 13 ago. 2024.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. [S. l.: s. n.].

FERNANDES, Neusa de Araújo. Representações de referência. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

FIGUEIREDO, António Dias de. Afinal, o que é a inteligência artificial? **Diversidades**, n. 64, p. 10-14, 2024a.

FIGUEIREDO, António Dias de. Fatores-chave para a integração da inteligência artificial nas escolas. **Diversidades**, n. 64, jul./dez. 2024b.

FIGUEIREDO, António Dias de. **Inteligência artificial e educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2024c.

FLECK, Leandro et al. Redes neurais artificiais: princípios básicos. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, v. 1, n. 13, p. 47-57, jan./jun. 2016.

FLORO, Vitória. Democratização da IA no ensino público pretende reduzir diferenças educacionais. **Folha de Pernambuco**, Recife, 17 ago. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. Como a inteligência artificial virou disciplina obrigatória para alunos no Piauí. São Paulo, 30 nov. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Inteligência artificial individualiza ensino e ajuda professores. São Paulo, 30 maio 2018.

FOLHA DE S.PAULO. Séries Folha Adolescentes. São Paulo, 2 jul. 2025.

FONSECA, Janaína Z. B.; OLIVEIRA, Karine Correia dos S. de. Objetivação. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires; TONELLI, Juliana Reichert Assunção (Orgs.). **Tecnologias de Informação e Comunicação na formação do professor: experiências, vivências e práticas.** Londrina: Kan, 2014.

FREIRES, Kevin Cristian Paulino. O impacto do uso da inteligência artificial nos processos de ensino e aprendizagem. **Revista Tópicos**, v. 2, 31 maio 2024.

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Edição Especial Temática, p. 33-46, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e cidadania. **Conexão Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun. 2006.

Jodelet, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales.** Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

LEITE, Maria Alzira; MARTINS, Renata. Referenciação. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1990.

LORENZI, Fabio. **Sistemas Inteligentes**. Canoas: ULBRA, 2009.

MASCARENHAS, Tiago Araújo Teixeira et al. Aplicação de algoritmos de aprendizado de máquina na classificação de conhecimentos especializados de professores de física. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, e86191110584, 2020.

MATOS, Camila Lopes Cravo. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas (Resenha). **Revista da Furb**, Blumenau, v. 11, n. 2, p. 656-660, ago./nov. 2016.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; CAMPOS, Pedro Henrique. **As representações sociais na cibercultura**. [S. l.: s. n.].

MITCHELL, Tom. **Machine Learning**. New York: McGraw-Hill, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOURA, Filipe Antônio Araújo; NUNES, Andrea Karla Ferreira. Ensino da matemática no século XXI: D'Ambrosio e a mediação pelo digital. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 67, p. 1-16, e24271, out./dez. 2023.

O REGIONAL. Especialista aponta caminho para uso moderado de IA na educação. [S. l.: s. n.].

OLIVEIRA, Karine Correia dos Santos de; LEITE, Maria Alzira; SILVA, Priscilla C. Duarte. Memória. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

OLIVEIRA, Karine Correia dos Santos de; OLIVEIRA, Sandra Ramos de. Representações Sociais. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

ONU NEWS. Unesco alerta que a inteligência artificial nunca poderá substituir os professores. [S. l.: s. n.].

ONU NEWS. Unesco reúne ministros da educação para discutir uso do ChatGPT nas escolas. [S. l.: s. n.].

PEIXOTO, Ana Cristina S.; FONSECA, Hejaine de O.; OLIVEIRA, Ramony M. S. R. Ancoragem. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

REIS, M.; BELLINI, Luzia Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.

ROSO, Adriane; GUARESCHI, Pedrinho. Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas. **Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais**, n. 26, p. 37-54, abr. 2007.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SENNRICH, Rico; HADDOW, Barry; BIRCH, Alexandra. Neural machine translation of rare words with subword units. In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 54., 2016, Berlin. **Anais [...]**. Berlin: ACL, 2016. p. 1715-1725.

SILVA, Flávio de Ligório. **Carência de professores licenciados em matemática em Corrente**: um estudo a partir das representações sociais. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; ASSIS, Juliana Alves; BARROS, Ev'Ângela Batista Rodrigues de. Das representações sociais às tramas do sentido: uma incursão em formações e práticas discursivas cotidianas. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

SILVA, Priscilla Chantal Duarte. Representações de uso. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 23, 2013.

SOUZA, Livia Barbosa Pacheco et al. Inteligência artificial na educação: rumo a uma aprendizagem personalizada. **IOSR Journal of Humanities and Social Science**, v. 28, n. 5, p. 19-25, maio 2023.

SUTSKEVER, Ilya; VINYALS, Oriol; LE, Quoc V. Sequence to sequence learning with neural networks. In: **ADVANCES IN NEURAL INFORMATION PROCESSING SYSTEMS**, 27., 2014, Montreal. **Anais [...]**. Montreal: NeurIPS, 2014. p. 3104-3112.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRENDSCE. UNESCO: setor educacional está despreparado para a IA. [S. l.: s. n.].

VAPNIK, Vladimir N. **The Nature of Statistical Learning Theory**. New York: Springer, 1995.

VEJA. Brasileiros acreditam que aprender sobre IA amplia chances no trabalho. [S. l.: s. n.].

XAVIER, Gilson. Os avanços tecnológicos no século XXI. **Revista de Estudos em Educação**, p. 296-322.